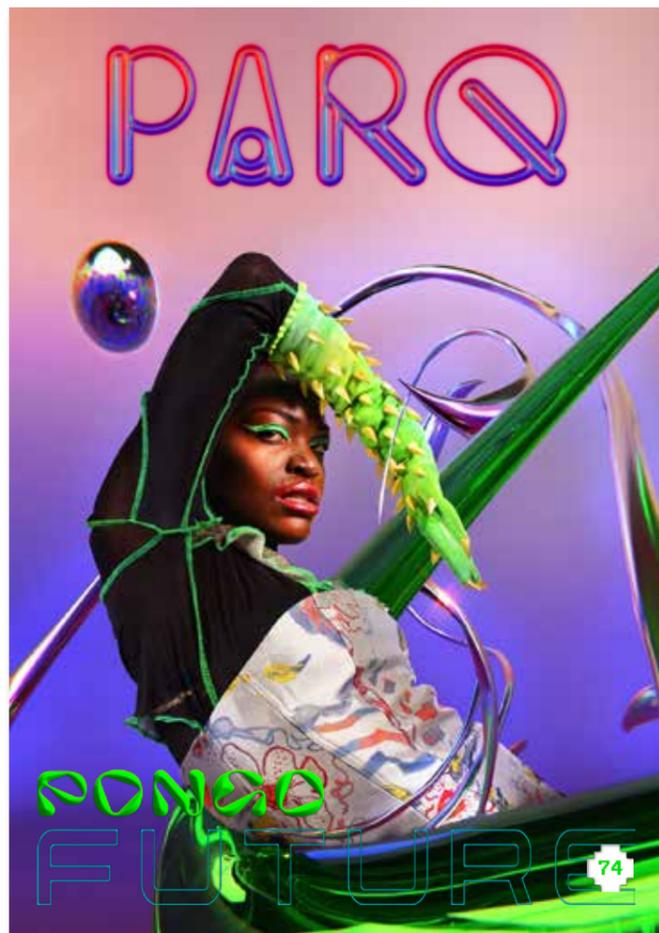


PARO



DOMINGO

FUTURE



www.parqmag.com

facebook

instagram

youtube

/parqmag

/parqmag

/parqmag

foto MARCO MAIATO

Agradecimentos ETIC Lisboa

corpete e calças Marques Almeida

camisola em mesh Maria Curado

brincos em vidro Belisco

luvas Marcos Hass Horn x João Magalhães

TEXTOS Adriana Veríssimo Silva, António M. Barradas, Beatriz Nascimento, Carla Carbone, Francisco Vaz Fernandes, Lara Mather, Manuela Marques, Maria São Miguel, Patrícia César Vicente, Rafael Vieira, Rita Ramos, Roger Winstanley, Sara Madeira, Sofia Seixo Garrucho, Telma Costa, Titus, Vânia Moura • **FOTOS** Elisabeth Teixeira, Francisco Spratley, Francisco Hartley, Guilherme Lucas, João Luís, Marco Maiato • **ILUSTRAÇÃO** Effe, Lúcia A. Oliveira • **STYLING** Daniela Gil, Sara Soares, Tiago Ferreira, Yolanda Jandira Kiluanji

PERIODICIDADE Bimestral • **DEPÓSITO LEGAL** 272758/08 • **REGISTO ERC** 125392

EDIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. • **NIF** 508 399 289 • **PROPRIEDADE** Conforto Moderno Uni, Lda. • Rua Quirino da Fonseca, 25 – 2oesq. / 1000—251 Lisboa, Portugal

TELEFONE 00351 218 473 379 • **IMPRESSÃO** Suspensa. Disponível edição on-line.

DISTRIBUIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. • **DIRECTOR** Francisco Vaz Fernandes francisco@parqmag.com • **EDITOR** Conforto Moderno • **EDITOR DE MODA** Tiago Ferreira tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira • **DESIGN** Valdemar Lamego www.valdemarlamego.com → A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 — 2022 PARQ.



Water-proof +
Hater-proof

#ShowOut

merrell.pt

Hydro Moc by
MERRELL

YOU MUST	08	THE BATMAN
	09	CODA
	10	NEM A GENTE JANTA NEM O PAI MORRE
	12	PRISMA by VHILS
	18	INTERFERÊNCIAS
	30	SEE by MATTEO DI CIOMMO
	36	ZUPAGRAFIKA
	42	DACIANO DA COSTA
	46	LA GALERIE DIOR
	52	XINOBI
	56	EUAN HART
	57	EVAN
	58	POWER YOU INTO SUBMISSION
	62	SPORT FEMININO
	64	HYDRO MOC
	65	DESIGUAL x STELLA JEAN
	66	MANGOVERSO
	68	TECH
	69	BELEZA
	70	PRODUTO
SOUNDSTATION	82	PONGO
	96	CIGARRA
CENTRAL PARQ	104	ANDY WHAROL'S DIARIES
	112	ARTE BRUTA
FASHION EDITORIAL	122	BURNING SUN
	136	I HAVE MANY FACES AND SOME FEELINGS
PARQ HERE	152	LAS FICHERAS
	154	MANAH
	155	NEW ERA PORTO
	156	MUSTIQUE
	158	CRÓNICA PATRÍCIA CÉSAR VICENTE



GANT
FOOTWEAR

YOU
MUST

THE BATMAN Corria o ano de 2019 quando ROBERT PATTINSON avisou CHRISTOPHER NOLAN que iria faltar a um dia de gravações de *Tenet* por motivos pessoais. CHRISTOPHER NOLAN, grande conhecedor do universo de *Batman* e responsável pela brilhante trilogia do *Cavaleiro das Trevas*, apercebeu-se de imediato que a falta seria para comparecer no casting do próximo *Bruce Wayne*. NOLAN felicitou PATTINSON pelo seu futuro papel mesmo antes de alguém saber que o papel seria seu. Envolto numa série de curiosidades logo desde o seu início que passam por personagens inspiradas em assassinos em série ou por usar pequenos detalhes de filmes do *Batman* antigos para uma construção mais profunda deste último, nada foi deixado ao acaso. → *The Batman*, que estreou em 2022 depois de ter sofrido sucessivos atrasos devido à pandemia, foi totalmente pensado, escrito e realizado por MATT REEVES. REEVES, que nos tem habituado a filmes intensos, nocturnos e quase assustadores, leva-nos numa viagem a Gotham que não desilude. Depois da genialidade de NOLAN e de um mau *Batman* interpretado por BEN AFFLECK que foi vítima de uma série de maus argumentos, a expectativa era elevada e não foi defraudada. → A acção desenrola-se quando alguns políticos da cidade de Gotham são assassinados. A corrupção, os negócios ilícitos e a criminalidade que imperam na cidade obrigam, mais uma vez, *Bruce Wayne* a deixar o conforto da sua mansão e a vestir o fato de morcego. Com um argumento bem estruturado, *Batman* volta, lentamente, a confrontar-se com dois dos seus maiores inimigos, *The Penguin* e *The Riddler* (COLLIN FARREL e PAUL DANO respetivamente). Sempre numa visão realista e sem grandes exageros visuais *Batman* conta ainda com a amizade antiga de *Catwoman*, interpretada por ZOE KRAVITZ, para encarar o seu doloroso passado e desenterrar segredos antigos. A química entre as duas personagens é palpável e deve-se a mais de uma década de amizade entre ROBERT e ZOE. Com uma banda sonora irrepreensível que vai desde SCHUBERT à voz arrepiante de KURT COBAIN, todos os detalhes estão no tempo certo. → Este último *Batman* é o herói que se maquilha e veste em frente às câmaras dando-nos ainda mais a sensação do seu realismo e humanidade. Um herói que não o é porque quer mas sim porque tem de o ser. Já disponível em streaming, são 3 horas de cinema de qualidade e de verdadeiro entretenimento que não se devem perder. ♥ texto Rita Ramos



CODA *CODA (Child of Deaf Adults)* retrata uma família americana de pescadores de 4 elementos. A filha, Ruby, é a única que consegue ouvir. Todos os restantes membros da família são surdos. Ao longo da sua vida *Ruby Rossi*, habituou-se a ser diferente, não só dos seus colegas, como também da sua própria família, servindo como uma “mensageira”, uma ponte de comunicação e salvação entre a família surda e o Mundo de fora. Porém, frequentemente sente-se cansada dessa responsabilidade. → Decide seguir a sua paixão pelo canto. Entra no coro da escola e com a ajuda do seu professor de coro, *Bernardo Villalobos*, interpretado por EUGENIO DERBEZ. Consegue uma audição para a prestigiada Berklee College of Music. Durante este processo apaixona-se pelo colega de coro, *Miles*, interpretado por FERDIA WALSH-PEELO. → Correndo de um lado para o outro para tentar agradar todos, *Ruby* acaba por tomar decisões egoístas que colocam o espectador em constante conflito. → O espectador é confrontado com o sacrifício e as dificuldades por que *Ruby* passa, compreendendo que a jovem merece uma chance de ser feliz e tomar as suas próprias decisões. Mas até que ponto poderá tolerar o custo dessas mesmas decisões? → Classificado como comédia dramática, com pequenos momentos musicais, CODA traz uma lufada de ar fresco ao cinema, tendo como foco uma *Ruby Rossi*, interpretada pela incrível EMILIA JONES que várias vezes nos leva às lágrimas nos momentos em que tem que lidar com as dificuldades da sua família e a sua manifesta falta de meios agravada pela incapacidade auditiva. Apesar de todas as adversidades são uma família unida que vai superando as dificuldades quando o amor é posto à prova, o elemento mais importante que os une e que não falta. → SIAN HEDER, realizadora do filme, faz um excelente trabalho ao captar a vida desta família com a maior parte das cenas filmadas em câmara à mão. Sentimos a cumplicidade entre estas personagens, assim como sentimos que fazemos parte da acção. → Co-escrito brilhantemente por SIAN HEDER, VICTORIA BEDOS e STANISLAS CARRÉ DE MALBERG, o diálogo, 80% deste em linguagem gestual, leva-nos às lágrimas de alegria e tristeza. Vencedor do Óscar de melhor filme e de melhor roteiro adaptado de 2022, CODA fez História quando TROY KOTSUR, que interpreta o pai da família, *Frank Rossi*, ganhou o Óscar de melhor ator coadjuvante, sendo o primeiro homem surdo a receber um óscar na História do cinema. CODA é um filme para ver com a família. ♥ texto Lara Mather



NEM A GENTE JANTA NEM O PAI MORRE

A mini-série de cinco episódios, *Nem a Gente Janta nem o Pai Morre*, disponível na RTP Play e produzida pela produtora Promenade conta a história de *Inês*, uma jovem lisboeta que divide o apartamento com um amigo, partilhando assim o drama de estarem prestes a ser despejados. Como se isso não bastasse, *Inês* lida com a fragilidade e demência do avô e com a morte recente do pai, que graças à sua imaginação delirante está continuamente a aparecer-lhe, mantendo uma relação próxima, mas cada vez mais fechada. Libertar-se dessas fantasias abre-lhe a possibilidade de se apaixonar por um dos enfermeiros que trabalha no lar onde se encontra o avô. → Esta brilhante série foi escrita e realizada pela protagonista, INÊS SÁ FRIAS que assume, em jeito de homenagem, catarse e inspiração, uma autobiografia. Toca em temas sensíveis como o luto, o amor jovem e o amor sénior, com problemáticas inerentes como a solidão e a saúde mental. Apesar do peso emocional que se constrói ao longo dos episódios, a série conta com momentos de alívio e momentos cómicos com protagonistas que trazem leveza e alegria, proporcionando algum equilíbrio a esta série. O quotidiano de *Inês* tal como a vida de muitos nós está cheio de altos e baixos e é isso que a série transporta. → No genérico surgem vídeos da infância de INÊS SÁ FRIAS com a família, tendo como pano de fundo a voz de Janeiro num tema intitulado “Solidão” escrita para a série. Nada mais perfeito para o começo de cada episódio. → “*Nem a Gente Janta*” conta com com atores como JOÃO CABRAL, MARCO MENDONÇA, RAFAEL GOMES, LUÍSA ORTIGOSO, RAÚL RIBEIRO, INÊS HERÉDIA e GONÇALO ÍCARO, no seu elenco o título remete para a expressão portuguesa “*Nem o Pai Morre, Nem a Gente Janta*”, expressão que simboliza, em geral, situações onde faltam resoluções, onde rupturas se adiam. É precisamente isso que *Inês* parece viver até ao momento que deixa o seu pai “ir” para fora da sua imaginação, encerrando o seu luto, ficando apenas as boas recordações. ♥ texto Lara Mather



PRISMA BY VHILS ALEXANDRE FARTO, apresenta no MAAT, uma proposta de instalação que recorre exclusivamente ao vídeo, uma linguagem que o artista português tem vindo a explorar mais recentemente. → Ocupando a sala oval, a sala mais nobre do MAAT, que obriga a trabalhos em grande escala, *Prisma* é pois um projeto monumental composta por estruturas semi- circulares. Cada uma, no seu interior funciona como ecrã panorâmico côncavo que recebe imagens em projeção vídeo. Já o reverso é coberto por uma matéria metálica que reflete os ecos da luminosidade e das cores dessa imagens num estado de contaminação. A questão da montagem dos vídeos assim como a arquitetura da composição dos ecrãs, sobrepostos e a funcionar a diferentes escalas, leva o espetador a uma experiência verdadeiramente imersiva. É uma construção que manipula e distorce efeitos de espaço, escala e luz. A ideia de círculo proposto pelos suportes torna-se um dos princípios mais evidentes nesta exposição. → Começamos pela ideia de circular pelo mundo e temos fragmentos de 9 metrópoles: Cidade do México, Cincinnati, Hong Kong, Lisboa, Los Angeles, Macau, Paris, Pequim e Xangai. Temos imagens que são captadas de uma câmara a circular a partir de um ponto fixo. Temos a ideia de uma câmara cega que vai captando a vida que acontece em seu redor num movimento circular, tal e qual uma câmara de vigilância. Tudo parece em círculo em nosso torno quando percorremos o espaço expositivo e esse movimento cria no espetador uma efeito hipnótico e uma dimensão de sonho. Apesar de uma base tão real, o elemento realista de vigilância dissipa-se no processo final da projeção porque nos confrontamos com uma imagem com um certo efeito retardador que faz com que tudo ganhe um efeito esvaído. Os sons são os locais, mas igualmente desvanecidos. → Desenvolvida num contexto global, anterior à crise pandémica, *Prisma* é um projeto de instalação que nos envolve em ambientes banais em que a individualidade de cada cidade, assim como a identidade dos seus habitantes, se perde. Essa experiência de anonimato e de errância repete uma sensação descrita por BAUDELAIRE no séc. XIX quando se refere ao impacto que o crescimento das grandes cidades tinham sobre o individuo, um ser cada vez mais desenraizado. Esta questão acaba por ser a condição do artista contemporâneo de sucesso. Ou seja, refere-se a própria condição de VHILS que capta as suas imagens em contextos de viagens de trabalho que resultam no essencial de uma paisagem com a qual não pode ter grande relação empática. Nesse sentido, *Prisma* devolve ao espetador um espectro dessas experiências agora mais fragmentadas e descontextualizadas. Estas imagens não oferecem surpresa, apenas a certificação de uma condição cada vez mais humana. Tudo parece tão familiar, tudo parece tão distante, especialmente numa época em que o conhecimento e o contacto com as diferentes realidades se completam na maior parte das vezes através de um ecrã. ♥ texto Francisco Vaz Fernandes



MAAT
Av de Brasília,
(Belém), Lisboa
T. 210 028 130
→ 5 de Setembro





INTERFERÊNCIAS

Transformar o MAAT como um palco de utopias e de lutas intemporais é anunciado como o principal objetivo de *Interferências*, exposição que decorre no MAAT e que tem ALEXANDRE FARTEO, ANTÓNIO BRITO GUTERRES, CARLA CARDOSO como curadores. → *Interferências* procura trazer novas vozes para um espaço de exposição institucional e de grande visibilidade pública. Os curadores convocam alguns artistas que nunca passam pelo circuito institucional de arte, que tem uma produção contínua que se gere na periferia de Lisboa e que se mantêm periférica. Trazendo-as para o MAAT procura contextualizar essas produções com peças contemporâneas que pertencem coleção do MAAT e que de alguma forma se integram nas temáticas que procuram explorar. Nesse sentido, a ideia de inclusão prevalece quando no essencial, *Interferências* fala de exclusão e dos traços físicos e psicológicos que geram essas formas de cultura marginal. No fundo, vamos encontrar vários tipos de narrativas que marcam a atualidade, como o legado pós-colonial, a questão da imigração assim com referências a lutas pela representatividade das comunidades periféricas em geral excluídas dos centros de decisão. → É uma exposição sobre diferentes expressões da cultura urbana, explorando itinerários narrativos da cidade através de um diálogo que privilegia o museu enquanto espaço crítico. Escapa ao equívoco de se restringir ao que podíamos chamar street art, um conceito que apesar de estar em explosão de sentidos poderia parecer redutor. Em traços gerais, temos a presença de um grande número de bandas herdeiros do hiphop nacional, que geram os seus processos criativos a partir das periferias de Lisboa. São difundidos a partir de vários monitores vídeo espalhados pela sala de exposição tornando-se numa espécie de banda sonora do projeto. Depois há um núcleo sobre o evento do 25 de Abril e sobre o processo de descolonização referindo-se as promessas e as utopias de igualdade e liberdade que se geravam na época. Temos então um marco temporal que depois nos transporta para o dia de hoje para as realidades contemporâneas e até para o desenvolvimento de certos discursos que foram evoluindo ganhando novas forças. ROD (RODRIGO RIBEIRO SATURNINO) é um dos artistas que a partir dos seus desenhos e instalações refere a pertinência de questionar o legado colonial português. Numa pano, instalado num dos fundos da exposição podemos ler, “Não foi descobrimento, foi matança. Para ANTÓNIO ALVES esse espaço de reivindicação desloca-se para a questão do direito à habitação e propõem uma espécie de outdoor, bem ao tipo da época revolucionária portuguesa, remetendo-nos para as promessas de Abril, não cumpridas e por isso mesmo, sempre atuais. → Temos projetos que se centram mais sobre a paisagem urbana periférica. HERBETO SMITH procura construir uma poética a partir de retratos fotográficos de jovens e dos bairros onde vivem constituindo uma paisagem humana positiva que é de resistência porque rompe com os preconceitos mais imediatos. RAPPEPA é um pintor que apresenta uma série de quadros que nos remetem para uma varanda mas ao mesmo tempo para selos aproveitando para representar indivíduos da comunidade afro-descendente. Um trabalho gráfico, impactante e eficaz. Ainda em termos de paisagem urbana destaque para a característica paisagem urbana de SEPPER AWK com representações criadas por cores pouco realistas dando uma outra dimensão ao espaço quotidiano. Essa mesma ideia de manipulação do espaço arquitetónico pode ainda ser encontrado em ISABEL BRISON que recorta e agrega digitalmente partes de construções sem grande valor arquitetónico, mesmo de gosto duvidoso, mas que integrados ganham uma dimensão de delírio, acrescentando valor a algo que ainda nos parece real. → Muitos outros artista, participam neste interessante projeto que tem a intenção de ser antes de mais, abrangente e integrante contribuindo para abrir perspetivas novas de uma mesma realidade. Ou seja, a imagem de uma Lisboa mais plural. ♥ texto Francisco Vaz Fernandes



ARTISTAS: ±MaisMenos±, António Alves, Abdel Queta Tavares, Alfredo Cunha, Ana Aragão, Ana Hatherly, António Contador, António Cotrim, Apollo G, Blac Dwelle, Carlos Bunga, Carlos Stock, Diogo "Gazella" Carvalho, Diogo VII, Ernesto de Sousa, Fidel Évora, Filipa Bossuet, G Fema, Gonçalo Mabunda, Herberto Smith, Herlander, Isabel Brison, Julião Sarmiento, Julinho KSD, Kiluanji Kia Henda, Luís Campos, Lukanu, Mantraste e moradores do PER11, Marta Pina, Marta Soares, Mónica de Miranda, Né Jah, Onun Trigueiros, Nuno Rodrigues de Sousa, Obey SKTR, Petra Preta, Primero G, Rappepa Bedju Tempu, Rico Zua, ROD (Rodrigo Ribeiro Saturnino), Rodrigo Oliveira, Sepher AWK, REAL G.U.N.S, Tony Cassanelli (Aurora Negra), Tristany, Tropas di Terrenu, Unidigrazz, Wasted Rita, xullaji.



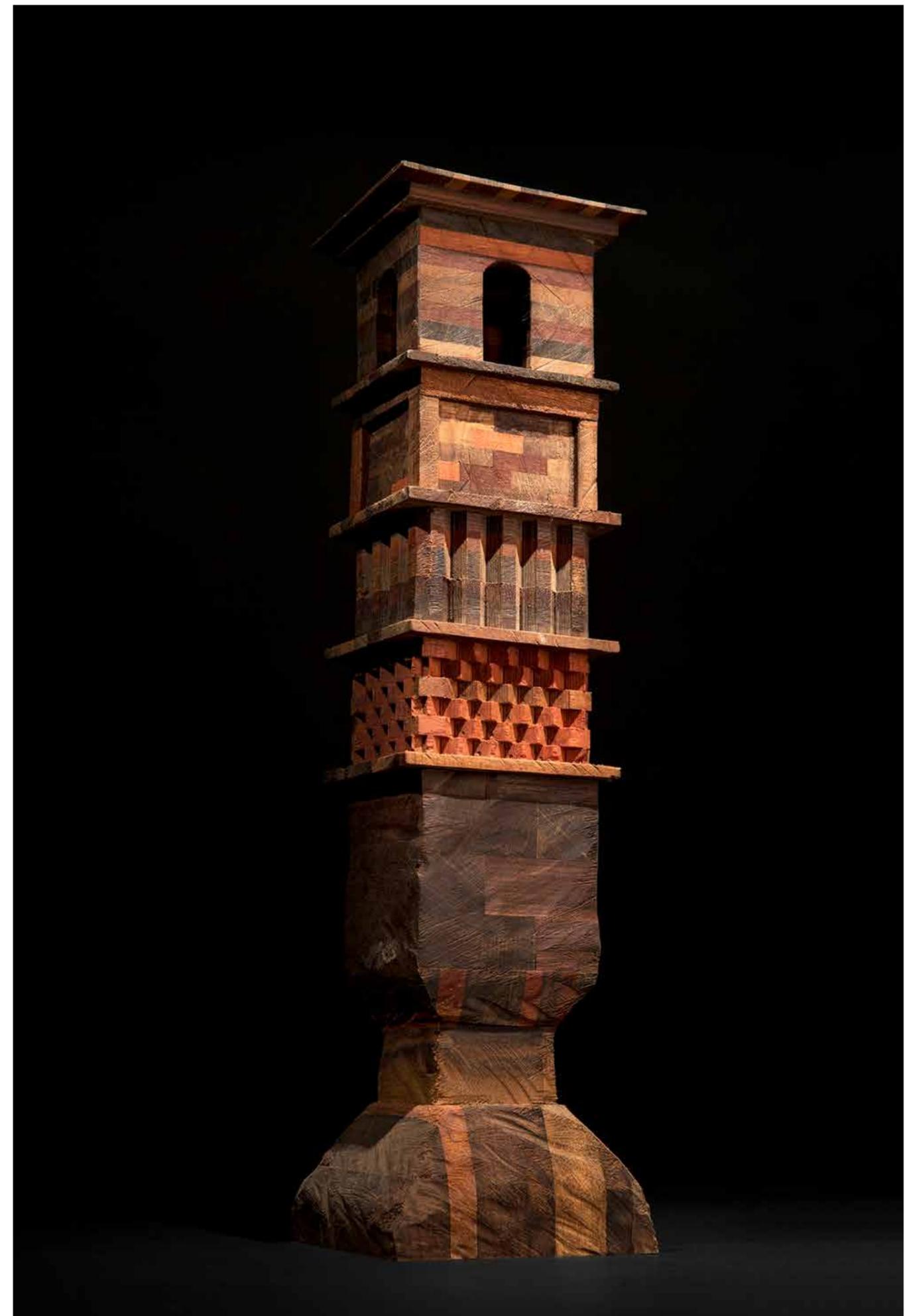


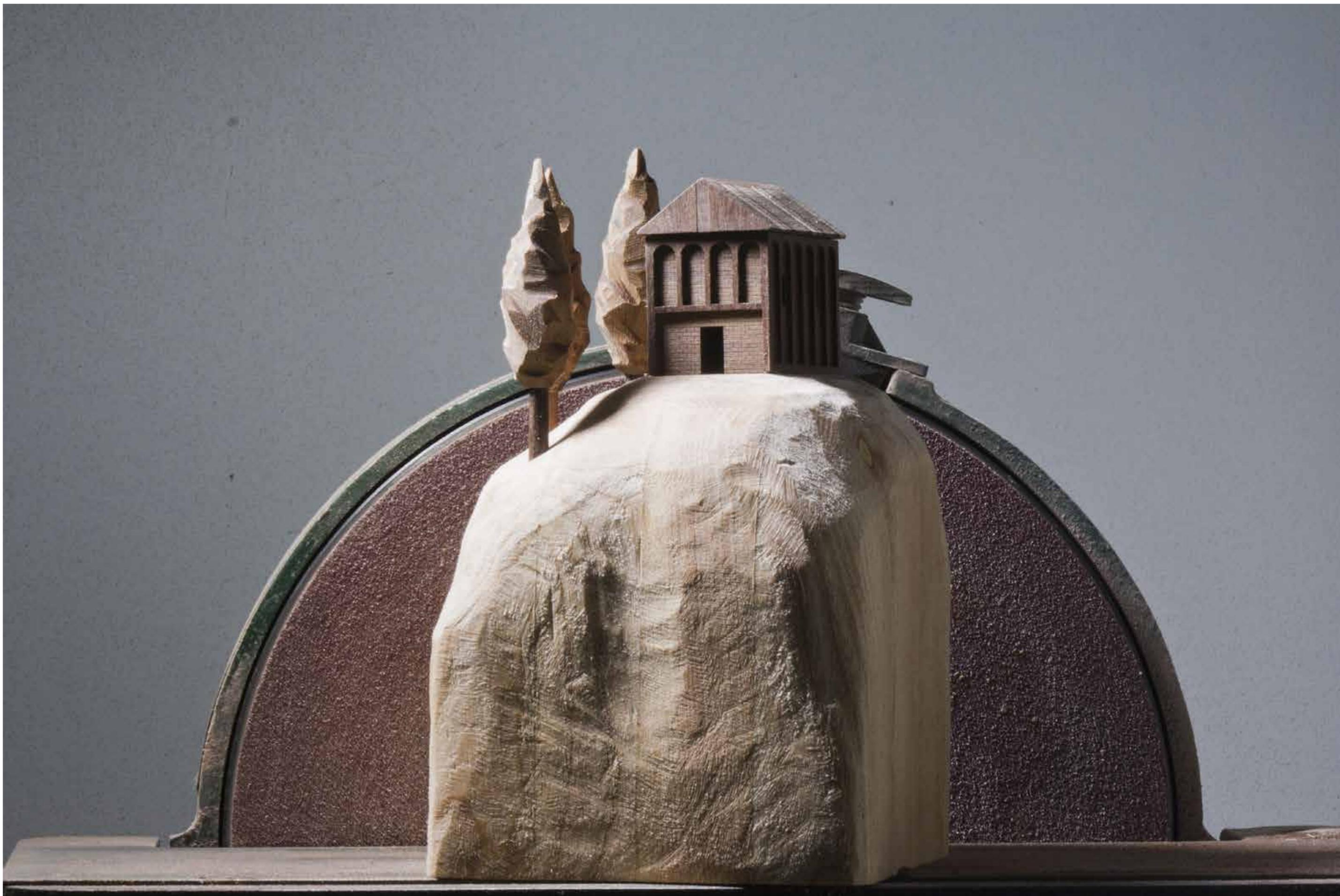






SEE MATTEO DI CIOMMO é um jovem designer italiano que desde 2013 tem privilegiado processos criativos, onde explora as qualidades da madeira propondo objetos únicos que estão já na fronteira da arte. No essencial, são trabalhos que colocam em evidência materialidade das matérias explorando texturas e tonalidades que estão depois na base de uma composição que nos convoca para uma certa ideia de paisagem. Nesse processo está sempre incluído um elemento de construção arquitetônica com formas que nos remetem para os arquétipos clássicos e que funcionam como o ponto de foco dentro da paisagem. São composições sucintas, tal como podemos encontrar na arte medieval, que tinha uma visão muito sumária da paisagem. Sem grande esforço, também encontramos nas suas construções um paralelo com o mundo onírico explorado pelo surrealismo, nomeadamente nas propostas pelo artista de CHIRICO, onde os elementos arquitetônicos dominam as suas paisagens imaginárias. No trabalho artístico de MATTEO DE CIOMMO é igualmente evidente que o elemento de sonho impera nas suas construções, porque traduzem-se sempre em mundos ideais. → As composições de MATTEO DI CIOMMO constituem pequenas esculturas que podem ser manuseadas e abertas, elemento que não é visível e que surge como um pequeno segredo. Essa funcionalidade que se descobre acaba por prevalecer e por essa razão grande parte dos seus trabalhos acabam por ser entendidos como pequenas caixas dissimuladas, onde se pode guardar de forma insuspeita um qualquer pequeno tesouro. Esse elemento de surpresa ingênua que o artista valoriza, faz com que muitos desses interiores sejam o elemento nobre, revestidos a folha de ouro, criando assim um efeito dramático. Além do efeito surpresa, o observador é conduzido a particularidades de cada um dos seus projetos, tornando o lado manual e os processos de execução tradicionais o elemento mais proeminente do seu projeto em geral. ♥ texto Francisco Vaz Fernandes

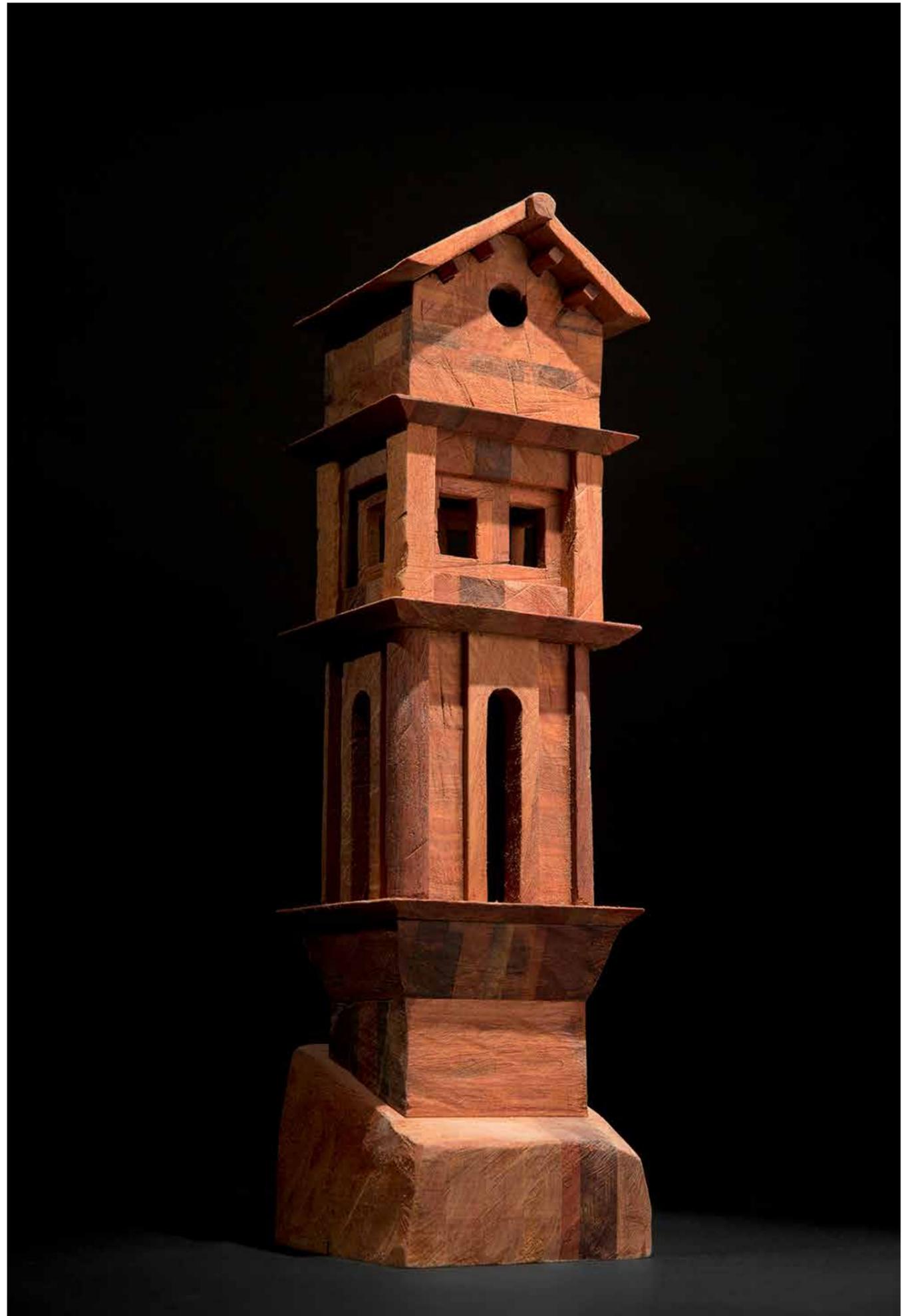






34

YOU MUST SEE



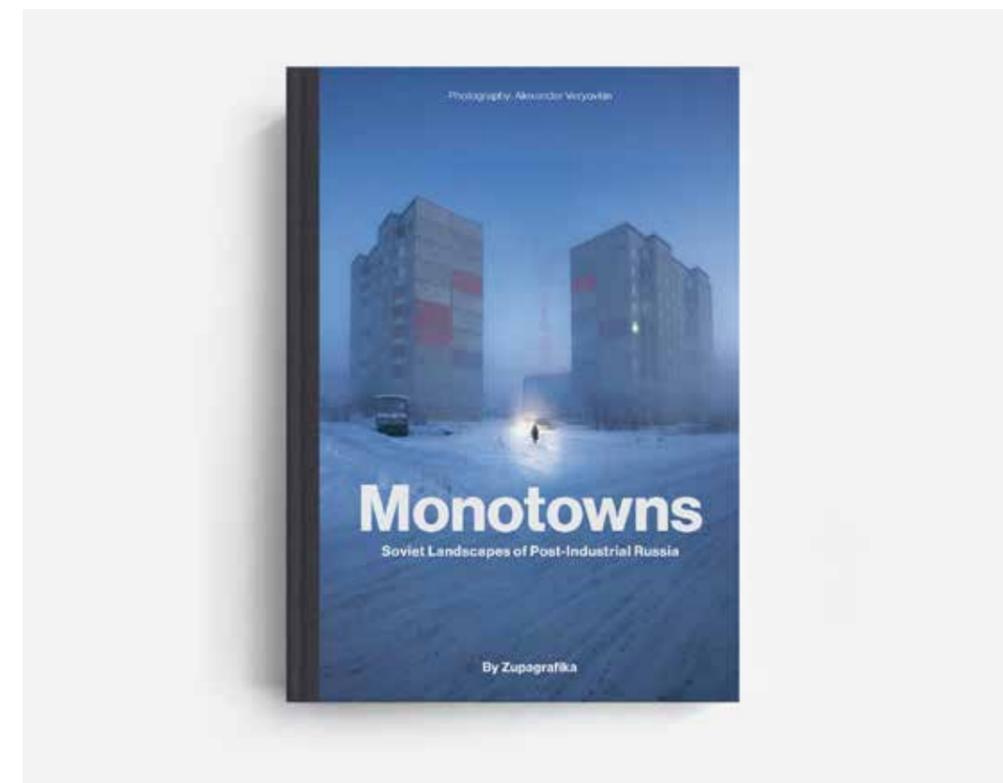
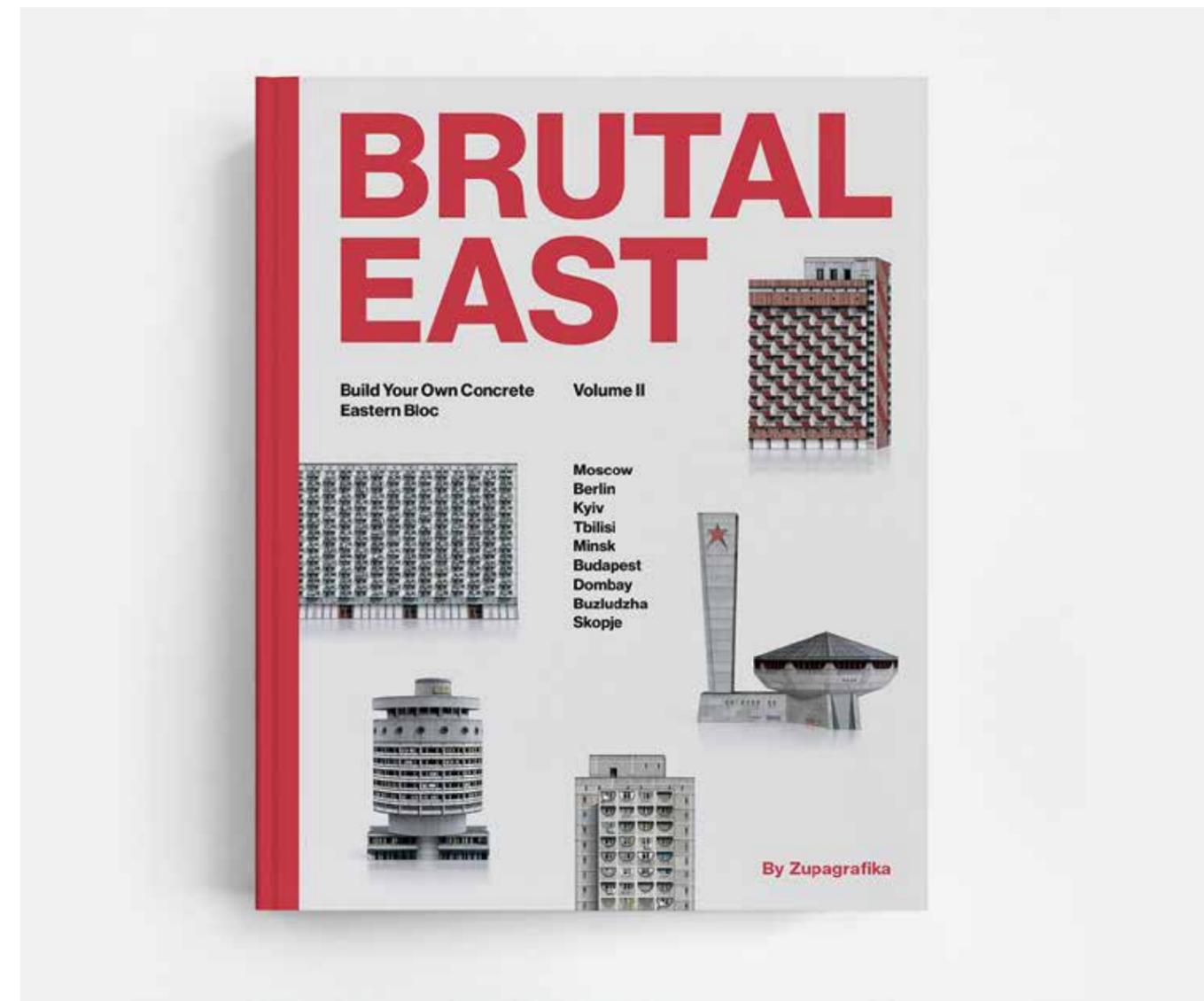
35

YOU MUST SEE

ZUPAGRAFIKA E O FASCÍNIO CRU DO BRUTALISMO

ZUPAGRAFIKA, que são DAVID NAVARRO e MARTYNA SOBECKA, começou por ser um estúdio de design especializado em design gráfico e editorial aplicado à arquitectura. Simultaneamente, foram publicando livros interactivos ilustrados sobre a arquitectura modernista polaca do pós-guerra, como resposta ao rápido desaparecimento desse tipo de arquitectura que foi sendo desvirtuada ou demolida. → DAVID e MARTINA explicam o seu interesse por esta temática: «Esta foi a maneira que encontramos de preservar esses edifícios na sua forma original. Desde que começámos com a ZUPAGRAFIKA em 2012, nós viajamos, fotografamos e ilustramos a arquitectura modernista e brutalista do pós-guerra, especialmente no antigo Bloco de Leste. A documentação dos bairros e prédios que visitámos na última década foi a principal inspiração por detrás dos nossos livros. Vivemos e trabalhamos na Polónia, logo a arquitectura da era socialista ou da PRL, (acrónimo para República Popular da Polónia) está ainda presente no nosso quotidiano. As cidades polacas são cercadas por enormes bairros de blocos pré-fabricados e abrigam até aos dias de hoje, centenas de milhares de habitantes. MARTYNA nasceu em meados da década de 1980 e, como muitas pessoas desta geração, foi criada num destes bairros Wielka Płyta (polaco para blocos de apartamentos pré-fabricados em betão)». → As publicações ZUPAGRAFIKA mostram muitos exemplos deste tipo de construção pré-fabricada, que dizem admirar, tanto a composição e o design dos edifícios, quanto aos projectistas por detrás deles. Completam ainda: «Percebemos os edifícios e os bairros que apresentamos nos nossos livros como os anti-heróis da arquitectura moderna. E, embora estas construções e vastos complexos sejam o lar da grande maioria dos habitantes das cidades, em subúrbios contruídos no pós-guerra, microrayons (complexo residencial, pequeno distrito) e distritos da Europa Central e de Leste, muitos prefeririam que não existissem de todo, foram invisíveis durante décadas e tomamo-los como garantidos. Muitas destas estruturas reflectem os sonhos e ideias duma era controversa. Nós tentamos mostrá-las, para que todos possamos compreender melhor o pós-guerra na Europa de Leste, as suas utopias, os seus erros e sucessos».

♥ texto Rafael Vieira





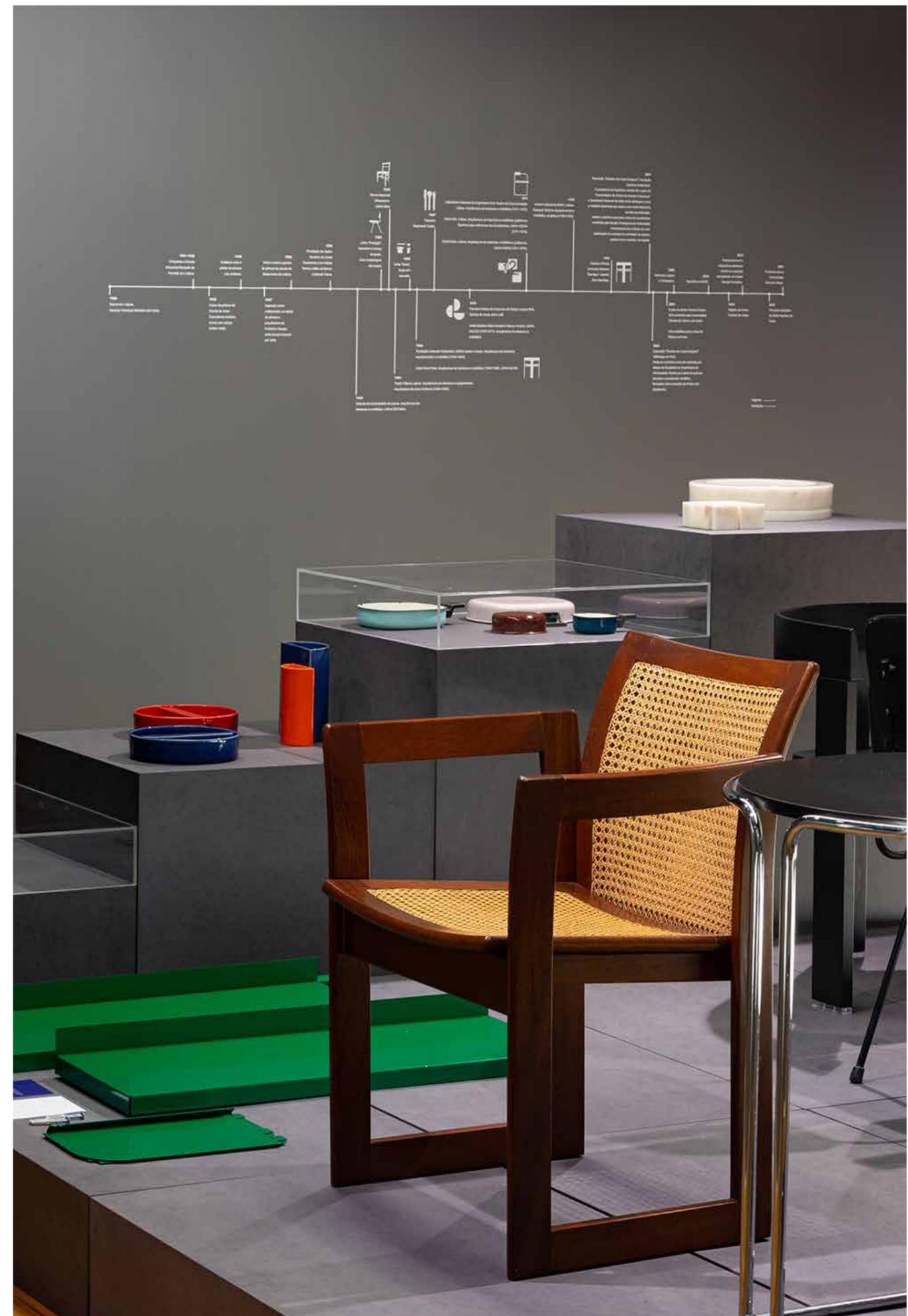


DACIANO DA COSTA DA FORMA NO ESPAÇO AO ESPAÇO DA FORMA

DACIANO DA COSTA é um dos nomes mais importantes do design nacional, um nome quase único com obra que vai do início dos anos 50 aos 80, tendo participado nos interiores dos principais projetos hoteleiros e equipamentos culturais do país. Relembrar a obra desse criador é a proposta do espaço CLINK, no Porto que apresenta uma amostra inédita chamada “Da forma no espaço ao espaço da forma” composta por peças originais e reedições. Conta ainda com um documentário, desenhos e fotografia de autor, elementos expostos, em parte, cedidos pelo arquivo do ATELIER DACIANO DA COSTA. Torna-se na primeira exposição após vinte e um anos da grande exposição realizado em 2001, na Fundação Caloust Gulbenkian que na altura marcava os 40 anos de atividade de DACIANO DA COSTA, à data, ainda vivo. → A atual proposta que conta com curadoria de LE BRIMET e SUSANA CHASSE vem enaltecer o espírito criativo de DACIANO DA COSTA e a materialização das suas ideias em objetos modernistas de diferentes escalas, processos industriais/artesanais e materialidades, criadas em intervalos espaço-temporais definidos à priori. No espaço podemos encontrar algumas peças de mobiliário para escritório produzido pela LONGRA, assim como peças de decoração, como por exemplo, as cerâmicas que desenhou para o Hotel Madeira Palácio ou peças em mármore criadas para o Hotel Altis, em Lisboa. Estão representadas algumas das suas mais famosas cadeiras, como a *Alvor* ou a *Palace*, desenhadas para os respetivos hotéis que lhe deram o nome. Destacam-se ainda algumas tapeçarias que serviam de sinalética de identificação dos pisos no antigo Hotel Penta e ainda um sistema modular de estantes metálicas, desenvolvido na década de 70. ♥ texto Maria São Miguel

Clink
Rua do Rosário 84, Loja 17
Porto

@atelierdacianodacosta
www.clink.pt





LA GALERIE DIOR Depois do sucesso da exposição , CHRISTIAN DIOR, *Le Couturier Du Reve*, que aconteceu em 2017 no Musée des Arts Decoratifs de Paris , o Grupo LVMH, começou a congeminar a forma de prolongar o efeito reputacional que tinham alcançado. Na verdade, o sucesso desta exposição inaugura antes de mais, o interesse do público em geral pela moda e a sua história o que fez com que muitos projetos se tenham inspirado e tenham repetido a receita, com o mesmo nível de sucesso. Ou seja, a boa oportunidade para as marcas fazerem uma releitura do seu próprio passado passando uma imagem que as glorifica. No caso da DIOR, logo a seguir a exposição começou-se pensar num outro espaço que pudessem perpetuar o mesmo efeito mágico da exposição. Daí que tenha surgido *La Galerie Dior* que inaugurou em Março e que mais não é que o *Museu Dior*. → A remodelação dos edifícios da Av Montaigne onde se encontra a loja histórica da DIOR acabou por criar a oportunidade de pensar um espaço permanente para exposição de peças de arquivo, um lugar que passasse a ser um passeio obrigatório para quem goste de moda. Tem como propósito fundamental passar a ideia de que a história de CHRISTIAN DIOR mistura-se com a própria Haute Couture parisiense e falar da DIOR dos seus ateliers artesanais é falar de um expertise e de técnicas ancestrais e que são um legado que a MAISON DIOR soube preservar. *La Galerie Dior* ocupa precisamente o espaço onde eram os antigos ateliers da Maison, por isso o local da concepção de toda a magia. De certa forma as peças expostas retirados do arquivo apenas voltam ao seu local de origem ganhando agora uma outra cenografia pela mestria de CATHERINE CRINIÈRE a grande responsável pelo sucesso da exposição CHRISTIAN DIOR, *Le Couturier Du Rêve*. Também não estão longe das novas coleções de Haute Couture que ainda se produzem nos andares de cima desse mesmo edifício, mais propriamente o 4º e 5º andar. A cenografia não se esquece desse peso dos ateliers DIOR que se encontram mesmo em cima do seu espaço e por isso cria



um dos efeitos mais interessantes da mostra, simulando que o tecto da *La Galerie* fosse em vidro e que de baixo pudéssemos espiar os pequenos passos e sombras das costureiras na sua azafama habitual. Mais que referir-se a atualidade há uma evocação fantasmagórica de todos que por ali passaram e deixaram a sua marca. → Em *La Galerie Dior* encontramos a mesma opulência cenográfica que NATHALIE CRINIÈRE criou para o Musée des Arts Decoratifs, socorrendo-se da referência da sobreposição em altura dos efeitos decorativos que acontecem nos edifícios Hussmann parisienses que eram o palco do círculo de CHRISTIAN DIOR. Em *La Galerie Dior* essa mesma ideia de verticalidade e profusão de elementos a começar por uma escada gigante de mármore branco retorcido, no centro de um átrio com um Diorama de 1.874 objectos DIOR. No meio deles, 452 miniaturas de túnicas ou mini vestidos dos sete designers oficiais da maison: CHRISTIAN DIOR, YVES SAINT LAURENT, MARC BOHAN, GIANFRANCO FERRÉ, JOHN GALLIANO, RAF SIMONS e MARIA GRAZIA CHIURI. Ao todo, 70 mini vestidos diferentes espalhados por sete décadas, datáveis desde o primeiro desfile inaugural, o New Look de 12 de fevereiro de 1947 até aos dias de hoje. Misturam-se com objetos , acessórios, quer sejam sacos *Lady Di* ou *Saddle*; frascos de perfume *J'Adore* ou boinas múltiplas de STEVEN JONES. É tudo criado a partir da impressão 3D, necessitando mais de 100.000 horas de trabalho, um conjunto, de grande espectacularidade que já é o background favorito para uma selfie. → Depois disso abrem-se 13 espaços com diferentes temáticas que oferecem uma releitura de obra de CHRISTIAN DIOR e de todos os outros criadores que lhe seguiram e que trabalham o seu legado e nesse sentido as criações de JOHN GALLIANO e MARIA GRAZIA CHIURI são os que ganham maior relevo no espaço. A parte audiovisual aparece muito desenvolvida oferecendo grandes projeções de imagens, tanto dos criadores e criações da MAISON DIOR como dos seus clientes, especialmente das figuras públicas que estiveram associadas à marca.



Para além desse lado mais público esta galeria procura ainda criar o círculo de intimidade de CHRISTIAN DIOR, um dos elementos que ganha aqui relevo e que na exposição anterior não era abordado. ♥ texto Francisco Vaz Fernandes ♥ fotos Francisco Spratley

La Galerie Dior estará aberta seis dias por semana, exceto à terça-feira. A fim de não sobrecarregar a experiência, a capacidade diária será limitada a cerca de mil visitantes.

Galerie Dior
11 Rue François 1er, Paris





XINOBI XINOBI apresenta o seu terceiro e mais recente álbum, “*Balsame*”, com selo Discotexas. Trata-se de um grito de amor traduzido em 10 temas onde conta com uma lista de colaborações femininas que atravessam tanto as fronteiras musicais como geográficas. As vozes de META, ALEM-I ADASTRA, MARGARIDA ENCARNAÇÃO e ARÂM. Dão uma dimensão humana ao seu registo eletrónico como comenta XINOBI nesta entrevista à PARQ.

A primeira impressão que tive, depois de ouvir tantas vozes femininas em registos vocais mais ancestrais, foi uma certa relação com o World Music. Foi algo que procuravas? Este disco é um pouco mais orgânico apesar de ser um disco eletrónico. O que ganha relevo acabam por ser as línguas que aparecem ao longo dos vários temas que o compõem... Aparecerem vozes a cantar, não é propriamente algo de novo. Uma voz em português já tinha acontecido com a GISELA JOÃO no “*Fado Para Esta Noite*” e, até certo ponto, na remix que fiz para *O Terno* - “*Bielzinho/Bielzinho*”. Agora ao contrário do álbum anterior que era inteiramente em inglês, temos algo mais poliglota e surge o francês, o espanhol e o turco para além do português como línguas predominantes. **→ Mas que relações podes estabelecer entre a eletrónica e essa ideia de world music que essas línguas estrangeiras e até os géneros musicais locais, podem apontar? Parecem realidades muito distantes?** Nunca tinha pensado nisso, confesso. Eu não considero este disco, um disco de world music apesar da componente, digamos, exótica. Temos a tendência a associar world music a algo distante, sonoridades que vêm do oriente, de África e acabamos por não considerar o fado, a música tradicional portuguesa, world music. É provável que não se enquadre perfeitamente num universo mais ortodoxo, de uma música anglo saxónica ou electrónica europeia. E muito menos há uma procura de raptar outras culturas e ausenta-las de um contexto. É verdade que estão lá instrumentos mais tradicionais, fora do universo dos sintetizadores, da guitarra elétrica ou do baixo, e de tudo o que associamos mais à música pop. Mas apesar disso tudo ainda estamos longe do world music puro e duro. **→ Então para ti como caracterizas este álbum? Quais foram as tuas influências? Como é que tudo aconteceu?** Acho que é um disco de música eletrónica com uma componente mais humana. Introduzi componentes mais acústicas e as músicas ganharam alma. É menos frio do que em geral pensamos ser um disco de música eletrónica mais ortodoxo, só baseado em máquinas e samples. Garantir humanidade é algo que consegues quase automaticamente ao gravar uma voz. **→ Mas porquê introduzir vozes e porquê essas vozes?** Sinceramente até a uma certa altura não foi premeditado. Não pensei à partida fazer um disco com vozes e línguas que em geral não encontramos em registos de música eletrónica. Não pensei nada disso. Comecei por trabalhar com um cantora turca que até tem temas em inglês mas achei que fazia mais sentido ela cantar na sua língua natal, e sugeri-lhe isso. Conhecia bem a voz dela em inglês mas não sentia tanto como quando a ouvia a cantar em turco. Acho que a personalidade dela está mais vincada na sua própria língua. O mesmo aconteceu com o francês e com o espanhol, que no caso é cantado por uma portuguesa —A META— originária da zona fronteira de Bragança e que tem o espanhol com segunda língua. Já tinha ouvido a META_ a cantar em espanhol e deixou-me muito impressionado e desafiei-a nesse sentido. **→ Mas apesar de involuntário foste tu que foste procurar essas cantoras? Como aconteceu o primeiro encontro, foste falar com a ALEM-I ADASTRA e fizeste-lhe uma proposta de fazerem um tema juntos?** Dois meses antes do começo da pandemia. Fiz uma série de datas na Turquia e um dia a ALEM-I ADASTRA fazia também parte do programa. Já a conhecia como Dj mas não sabia que ela cantava. Ou seja, foi a primeira vez que a vi a atuar como cantora. Ela deixou-me arrepiado em alguns dos temas e cativou-me imediatamente. Eu tenho sempre medo de perguntar se querem participar num projeto meu porque temo um “não” o que me ia deixar muito triste. Mas entrei em contacto uma semana depois e



tive uma recepção positiva. → **E tu nunca pensaste também cantar?** Eu já sou suficiente tímido a falar, imagina agora a cantar. Já experimentei em estúdio e a minha voz gravada até resultava minimamente, mas eu não sou uma pessoa de cantar. Tenho algumas músicas cantadas por mim. Mas prefiro falar com a voz de outras pessoas. → **O teu tema em francês tem uma componente mais política. Porquê introduzir algo mais político no álbum?** Em todos os discos que eu fiz, há sempre um momento, em que a componente, digamos de consciência social, está presente. Algumas temáticas políticas, estão sempre presentes mesmo que ao de leve. São coisas que vêm da minha passagem pelo punk que me meteram numa relação com políticas sociais e ambientais. Por isso tento que estas questões entrem nas minhas músicas ou faço-me de rodear por pessoas que estejam associadas a esse tipo de causas e que transportam isso também para a minha música. Nunca é de forma panfletária. É mais uma forma de exposição de ideias e de formas possíveis de atuar. → **Por acaso tenho reparado que costumavas ir muito a manifestações. Gostas de te sentir um cidadão ativo?** Quando se tratam de contestações que considero justas gosto de me sentir uma pessoa ativa, mesmo quando não consigo estar presente numa manifestação gosto que algumas dessas causas em luta estejam presentes dentro do meu círculo de amigos e promovo-as de alguma maneira. → **E já agora por curiosidade podes falar-me do teu passado punk? Isso para terminar.** Isso começa nos primeiros anos da escola secundária.. Especialmente neste meu encontro com a música. Era algo que não ouvias em casa dos pais mas que algum amigo acabava por te mostrar. Gostava da música e isso levava-me a investigar e a saber mais sobre a cena punk e em especial sobre a mensagem de contestação social que traziam. A mensagem estava a cima da capacidade da execução musical. Pela primeira vez uma pessoa da audiência podia olhar para o palco e concluir que também saberia fazer aquilo, e fundar uma banda. Mesmo sem saberem tocar havia uma espécie de eloquência na mensagem que ainda hoje é difícil de igualar. Por exemplo os CLASH, eram uma espécie de alto-falante político com música muito bem feita. Eu apaixonei-me rapidamente por isso. Música com mensagem, não só para ir para os concertos e andar lá no moche mas haver ali uma componente de consciencialização. Por isso o Punk foi a minha escola não oficial. → **Mas como é que o Punk sobrevive na tua música?** A minha aproximação a música eletrónica faz-se de uma forma punk porque comecei sem saber fazer, sem acesso a informação e como tal, à boa maneira punk, tinha que me desenrascar. Se queres muito de fazer uma coisa, consegues fazer, mesmo que seja de uma forma muito particular, talvez até naif. A minha entrada na música eletrónica foi assim. Eu queria fazer música, antes de tudo fazer música para mim. Se calhar estava farto da escola e refugiava-me ali durante algumas horas nas minhas experiencias sem pensar em mais nada. Trouxe também do punk essa necessidade de ter uma mensagem que complete. Sem desprimor, há musicas de amor lindíssimas, mas as vezes não chega. Falo de músicas românticas. O amor pode ser muito mais amplo do que uma canção romântica ou uma oferta de flores. O Amor deve ser a base de tudo. ♥ texto Francisco Vaz Fernandes ♥ fotos Lydie Barbara



EUAN HART Diretamente da Austrália para o Mundo, EUAN HART, cantor e compositor, estreia-se com o lançamento do single “*Snowflake*”. De referências indie-folk, inspira-se em artistas como ANDY SHAUF, WEYES BLOOD e BLAKE MILL, criando assim músicas de várias nuances, um mixed de pop e folk contemporâneo. → EUAN HART, desprovido de preconceitos, retrata nas suas letras momentos íntimos e pessoais. Neste caso, através de um storytelling minucioso, conta-nos uma história de amor, ou mais propriamente uma idealização de algo que não se tem. → “*Snowflake*”, é um single repleto de melodias com uma sonoridade cativante que nos permite divagar por um mundo próprio. A música foi lançada em várias plataformas digitais no dia 27/04/22. Acompanhada por um videoclipe, onde o próprio artista nos leva numa viagem, sendo que o mesmo acorda nu e confuso no meio do nada, acompanhamos o seu percurso até chegar a casa e se preparar para mais um dia. EUAN HART, produziu, interpretou e dirigiu a realização do videoclipe, em conjunto com JACK MORAN e EDDIE YABSLEY. → Este novo artista, cheio de novas ideias e criatividade promete novidades no mundo da música, sendo que por enquanto os seus concertos previstos se mantêm na Austrália. Ficamos à espera da sua projeção para palcos de outros continentes. ♥ texto Miguel Constantino



EVAN SEM TI Nascido em Lisboa e atualmente viver em Samora Correia, EVAN de 23 anos foi habituado desde cedo a ter um ouvido com bom gosto musical. O bater do seu coração é alimentado pela arte que lhe circula nas veias e o seu objetivo é tocar corações e mudar mentalidades. → Até onde as suas lembranças conseguem alcançar? Lembra-se de ter crescido a ouvir artistas clássicos dos anos 80 e 90 que são atualmente inspirações, tais como MADONNA, MICHAEL JACKSON ou QUEEN. O seu amor pelas artes vem desde tenra idade, fez parte de um grupo infantil de teatro durante 2 anos e começou a tocar piano aos 13. Ainda durante a sua adolescência começou a cantar de forma assídua em espetáculos organizados pela escola e pela cidade onde estudou. → Mais tarde passou pelo Hot Clube de Portugal onde seguiu os seus estudos musicais na variante de Jazz, um género musical pelo qual tem bastante apreço. O seu amor é também inspirado por artistas mais recentes como JESSIE J, SIA, HARRY STYLES e LADY GAGA, sendo esta a sua maior fonte. Em português tem como principais referências DIOGO PIÇARRA e AMOR ELECTRO, que têm um papel importante quer na imagem e sentido estético, quer no sentido musical, tendo também influenciado a sua técnica e composição musical. → Acredita que a música toca qualquer um, mas que não é para qualquer um. Não se trata apenas do glamour, da imagem, da fama ou do poder. Isso é, na sua mais humilde opinião, frutos colhidos quando qualquer trabalho é bem feito. Na sua opinião o mais importante é a devoção e entrega àquilo em que se acredita, a nossa própria arte — o processo criativo, a necessidade intrínseca de fazer música e o objetivo humanitário e cultural do artista. → Quando escreve é para deitar cá para fora o que lhe vai na alma. Para transmitir mensagens. Deseja fazer chegar o seu trabalho às pessoas que se sentem ou já se sentiram da mesma forma e uni-las. “Não estamos sozinhos neste mundo — todos passamos por situações que são diferentes na perspectiva de cada um, mas no fundo, fazem parte da mesma base da experiência humana que vivemos” — diz. → O seu primeiro single oficial, “*Sem Ti*”, saiu dia 29 de Abril e está disponível em todas as plataformas de streaming. É um tema pop em português, escrito e composto por pelo próprio, produzido por NUNO ROQUE, masterizado por ANDRÉ CASTRO, e editado pela Farol Música. → A música é inspirada pelo término de uma fase da sua vida e vem refletir a melancolia e nostalgia sentidas durante todo esse período de tempo. Para já vai continuar a lançar singles que se vão interligar e complementar quer no ambiente musical, quer na mensagem presente nas letras. As músicas são maioritariamente influenciadas pelo pop, alternativa e eletrónica, que são os géneros musicais mais presentes no seu universo tanto como ouvinte, como artista e compositor. Ao longo deste ano podemos contar em ouvir muitas mais criações de Evan. ♥ texto Titus



POWER YOU INTO SUBMISSION

MARIA CARLOS BAPTISTA e INÊS MANUEL BAPTISTA

Nesta primeira coleção das irmãs BAPTISTA, outono/inverno 22, encontra-se um conjunto de ideias e conceitos que se interligam de forma coesa e dão lugar a peças escuras, com pequenos apontamentos de cor, estruturadas, oversize e experimentais. Complementadas sempre pela joalheria de LAGE STUDIO, que enaltece toda a coleção e traz outro lado artístico a todo o cenário centrado no poder da mulher. → Assim, a primeira questão surge do porquê deste desfile em conjunto? São ambas designers extremamente interessantes, com o um estilo único e próprio, porquê juntarem-se agora? [Inês] Na realidade, foi uma ideia que veio de trás. Nós sempre quisemos fazer algo juntas, não neste momento, precisamente, mas sempre quisemos desenvolver e criar algo em conjunto. O acontecer agora não foi planeado, a MARIA começou a desenvolver a coleção dela e eu comecei a dar alguns inputs e a coisa deu-se. → Ambas têm estilos e concessões diferentes no design de moda, foi fácil interligarem essas e criarem uma coleção em conjunto? [Maria] Foi, em termos de contribuição sim, depois foi haver uma maleabilidade e flexibilidade de interferir uma com a outra em todas as peças para que houvesse um bonding maior na leitura de todas as peças, da sua imagem, de modo a que se visse que é meu e dela, e é nosso. → Tenho que falar sobre a terceira artista presente no desfile, a JOANA, designer da joalheria LAGE, como é que começou esta parceria? [Maria] A JOANA entrou em contacto comigo por causa de uma entrevista que ela viu minha no instagram na altura da pandemia e mandou-me mensagem a dizer que gostava de se reunir comigo e claro, eu vi o trabalho dela e pensei para mim, eu também gostava de me reunir com ela. E a partir daí, surgiu a primeira coleção que fizemos a par, que foi para a matéria, para o desfile em Paris, correu tão bem, e o trabalho dela complementa tão bem o nosso que estamos a dar continuidade a esta colaboração. [Inês] Sim, trás, sem dúvidas, qualquer coisa a mais para às peças... ao conjunto. → Sobre esta coleção, o que é que vos influenciou, qual foi a inspiração? [Maria] Começou quando encontrei três imagens de cavalos, com as quais me identifiquei muito por causa da estética da imagem. Foi uma fase em que eu, como artista, estava com muito pouca criatividade, e então agarrei-me a este estímulo. Partiu muito do: ok, isto é bonito o que é que isto me trás? Começamos a pesquisar sobre o cavalo, a relação do homem sobre o cavalo e da mulher sobre o cavalo, que são relações completamente diferentes. A conexão do homem sobre o cavalo é muito mais dominante, enquanto que com a da mulher é mais uma simbiose, uma cumplicidade e muito mais tranquila. Costumamos sempre explorar as coleções que trazem isso, a conexão e posicionamento da mulher sobre algo, neste caso sobre a fragilidade do cavalo, a sensibilidade e delicadeza dele, porque ele é um animal extremamente escultórico, imponente. Daí em diante, usamos essa pluralidade do cavalo para trazeremos o nosso trabalho ao de cima. → E finalmente, depois de ver o vosso desfile só posso perguntar, quando é lançada para venda a nova coleção? [Maria e Inês] Já está! Basta falarem connosco. Todas as peças são feitas à medida, basta encomendarem e nós fazemos. ♥ texto Adriana Veríssimo Silva ♥ fotos Guilherme Lucas + Elisabeth Teixeira

@inesmanuelbaptista
@mariacarlosbaptista

Inês Manuel Baptista
♥ Elisabeth Teixeira



Maria Carlos Baptista
♥ Elisabeth Teixeira





Portugal Fashion.
Backstade do desfile Fall
22 ♥ Guilherme Lucas



SPORT FEMININO Coleção de roupa desportiva de mulheres da FRED PERRY segue linha *Sport* masculina. As peças icónicas da marca são porém adaptadas com designs e traços mais femininos. As cores tradicionalmente associadas à FRED PERRY continuam presentes nesta seleção, assim como os padrões —um ADN desportivo reinventado. Desde vestidos ao clássico polo FRED PERRY, a marca apresenta uma grande variedade de peças de vestuário para os dias em que é necessário incorporar um look multi-tasking: entre a descontração e trabalho. Foi com o conceito de versatilidade e celebração de todas as mulheres em mente, que as peças *Sport* ganham vida. ♥ texto Maria São Miguel



HYDRO MOC Com o calor a chegar, nada melhor do que estar perto da água, seja na praia, na piscina ou no rio. Para além disso, a MERRELL sabe que as temperaturas altas pedem versatilidade, frescura e conforto. É por isso que a linha de água é um dos grandes focos da estação quente, principalmente o super prático e futurista *Hydro Moc*. Para usar e abusar na água ou nas ruas da cidade, os versáteis *Hydro Moc*, um modelo slip-on feito com técnicas avançadas através de moldes injetados com espuma de EVA, são o grande destaque da MERRELL para esta estação. Mais duradouros que outros modelos semelhantes, os *Hydro Moc* são perfeitos para que possa deslizar facilmente para os calçar e descalçar nos dias quentes e, graças ao seu design, tanto complementam os looks de moda mais arrojados como também são perfeitos para manter os pés frescos e secos nos trilhos e caminhadas perto de água. Disponíveis em diversas cores, há ainda uma versão kids ideal para os dias passados à beira da piscina ou para as férias na praia, para além de serem muito fáceis de calçar e descalçar. ♥ texto Maria São Miguel



DESIGUAL x STELLA JEAN Identidade, consciência e compromisso são as principais características da nova coleção cápsula da DESIGUAL. É através das mãos de STELLA JEAN que esta história é contada. A tradição desconstrói-se, os gráficos tornam-se mais abstratos e as formas mais orgânicas. Trata-se de uma viagem ao passado, da artista, até às raízes caribenhas da sua mãe haitiana. O padrão-estrela desta cápsula é inspirado nos tecidos wax e a peça-estrela da coleção foi desenhada precisamente para que este print se expresse com toda a sua rotundidade. As restantes peças da coleção, num total de 25 designs, incluem, entre outras, t-shirts, que são uma autêntica declaração de amor a Roma, a cidade onde STELLA vive e trabalha. ♥ texto Telma Costa



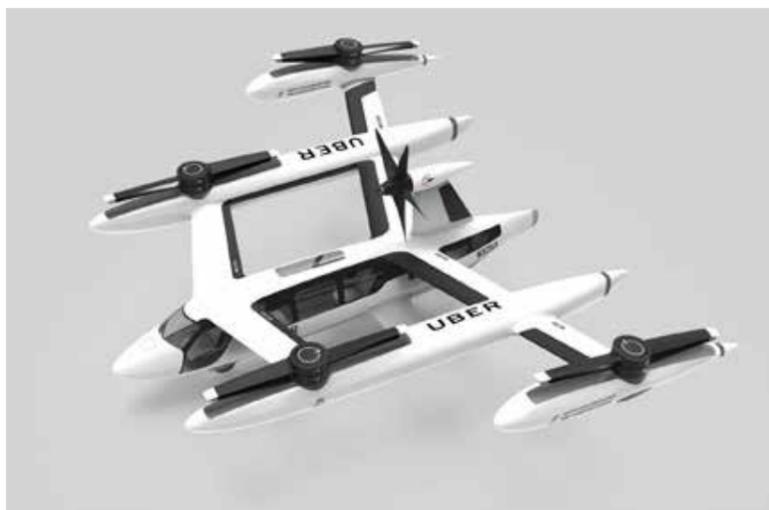
MANGOVERSO A MANGO, com a participação de diversos artistas, prepara-se agora, através da arte e cultura, para revolucionar o mundo da moda. Trata-se de uma inovação tecnológica que pretende juntar o físico, o digital e o virtual num só espaço. → A loja de Nova Iorque, que tem 2.100 m² e representa o ponto de partida da expansão da MANGO nos Estados Unidos, exibirá as obras físicas dos três artistas juntamente com ecrãs em que se mostrarão os NFT. A coleção também será exposta no metaverso, mais especificamente nas coordenadas 16.78 do Decentraland Museum District, sincronizando uma experiência física, digital e virtual. → Neste sentido, a empresa criou uma espantosa coleção de vários NFT (non-fungible token) com obras de três grandes artistas espanhóis: duas obras de MIRÓ (*Oiseau volant vers le soleil* e *Tête et Oiseau*), mais duas de TÀPIES (*Ulls i Creu* e *Esgrafiats*) e outra de BARCELÓ (*Dilatation*), numa coleção exposta no metaverso do Decentraland Museum District. → Tal como afirma JORDI ÀLEX, diretor de tecnologia, dados, privacidade e segurança da MANGO, é “através destes novos projetos, que a MANGO entra em contato com novos públicos e podemos começar a entender como os consumidores mais jovens interagem nesses ambientes”. Os cinco NFT serão carregados, também, na plataforma OpenSea. ♥ texto Telma Costa



FRIENDLY LAPTOP A ACER tem uma linha de produtos sustentáveis, denominados por *Vero*, que utiliza materiais recicláveis na sua composição. A maioria das pessoas não fazia a mínima ideia da existência deste *Aspire Vero* que faz parte da linha "Verde". Ao longo dos anos, vimos a evolução da embalagem, inicialmente era volumosa e cheia de plástico e agora reduziram ao máximo o uso desses materiais. → É um equipamento com um design único e elegante, destacando-se dos outros modelos da ACER. O portátil chama a atenção pelas suas cores, a sua cor principal é cinzento claro, mas o seu tom é mais esverdeado, tendo uma textura um pouco rugosa. → A empresa criou o este portátil com elementos recicláveis e esse esforço é perceptível. É uma boa iniciativa para os usuários que querem apostar numa linha mais limpa e ecológica e de incentivar o público a adotar comportamentos amigos do ambiente. ♥ texto Telma Costa



UBER A UBER está avançar com o seu projeto para se tornar uma super aplicação de viagens, planeia adicionar comboios, autocarros, aviões e o aluguer de automóveis à sua aplicação, inicialmente, no mercado britânico. A mudança chegara em breve ao Reino Unido. Esta ideia faz parte de um projeto-piloto que poderá ser expandido para outros países numa data posterior. → Os utilizadores da UBER poderão fazer as suas reservas através da app, seguindo as integrações do software com plataformas que vendem bilhetes. A empresa também planeia permitir o acesso das pessoas a comprarem bilhetes de comboio. ♥ texto Telma Costa



AQUA ALLEGORIA Com fragrâncias até 95% de origem natural a GUERLAIN reinventa aquela que é a sua coleção mais inovadora, lançada já em 1999: *Aqua Allegoria*. Comprometida cada vez mais com a sustentabilidade e até mesmo com a própria natureza, a MAISON GUERLAIN com as suas novas fragrâncias visa passar fortemente os valores da marca, apostando num novo eco design do frasco, que para além de ser recarregável é também fabricado em vidro reciclado. Em conjunto com a GUERLAIN, o fotógrafo, ativista e fundador da fundação *GoodPlanet Yann Arthus-Bertrand*, cria uma obra-prima cinematográfica a partir da maravilhosa campanha que a marca realizou, abraçando o planeta juntos. ♥ texto Vânia Moura



C.L.U.B. Colonia *C.L.U.B.* é a nova água de colónia apresentada por ACQUA DI PARMA. Com um aroma de limão, pimenta preta, notas de madeira e cedro, vem ao de cima um sentimento de conexão, frescura e reconforto. Esta para além de despertar um misto de sensações, representa também um conjunto de valores muito importantes para a sua comunidade: C de Comunidade, L de Life, U de Unique e B de Bond. ♥ texto Vânia Moura



MEDITERRANEAN

A CND acaba de lançar a sua mais recente coleção dedicada ao verão: *Mediterranean Dream*. Esta nova linha contém uma variedade de tonalidades que nos levam a viajar pela beleza da natureza, pelo espírito livre, pelo artesanato local e pelo luxo descontraído daquilo que é o sonho do Mediterrâneo. Desde o tom verde escuro, passando pelo azul aquático, pelo amarelo quente, entre outros, somos livres de embarcar numa viagem exótica sem fim. ♥ texto Vânia Moura





MERRELL

BALENCIAGA





UGG





**LONGCHAMP
+
RAYBAN**



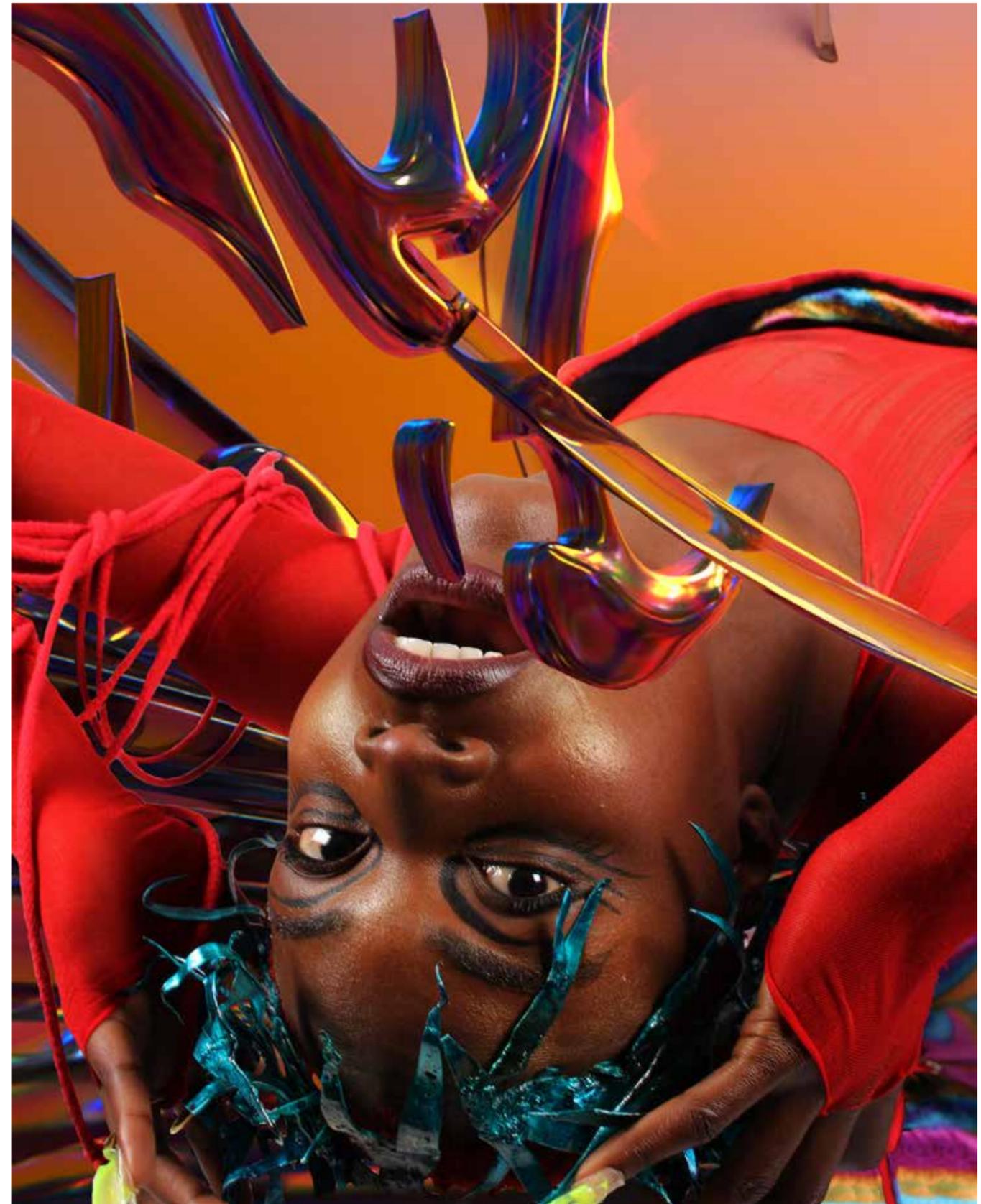
BIRKENSTOCK

SOUND STATION

PONGO

THE KWEEN OF KUDURO

Texto Sofia Seixo Garrucho
Fotografia Marco Maiato Agradecimentos a ETIC, Lisboa



corpete, vestido e perneiras Ariev
headpiece Valentim Quaresma
sandálias Marques Almeida



corpete e calças Marques Almeida
camisola em mesh Maria Curado
brincos em vidro Belisco
luvas Marcos Hass Horn x João Magalhães

Em 2008, ENGRÁCIA DOMINGUES, com apenas 16 anos, dava lugar à PONGOLOVE e tornava-se uma estrela mundial ao lado dos BURAKA SOM SISTEMA, com a *Kalemba Wegue Wegue*. A sua viagem com os BURAKA durou quase dois anos e meio e tornou-se numa das responsáveis pela Nova Lisboa e o Novo Portugal que temos hoje em dia. → Enquanto o som do ghetto lisboeta se entranhava nos ouvidos do mundo inteiro, PONGO preparava-se para uma nova batalha que durou uma década. Em 2020, a artista angolana reaparece com o EP *Uwa* e o álbum *Baia* a solo [ambos com o selo Caroline International] e no passado dia 1 de Abril lança o seu último álbum, *Sakidila* [com selo Virgin Records]. Do kuduro ao amapiano, este álbum traz-nos o melhor dos ritmos africanos. Podemos agora ouvir a *Wegue Wegue* numa versão em que finalmente PONGO teve os créditos que lhe eram merecidos: “É a Pongo que está a cuiar, saiam fora! O Kuduro é que está a bater, vão-se embora!”. → Com amor, em *Sakidila*, PONGO dá-nos uma lição sobre gratidão e ensina-nos que a luta pela independência se faz com dança e rimas assertivas. Este álbum conta ainda com uma participação da artista e ativista transexual angolana TITICA e de MOSTY, uma das mais promissoras rappers da Costa do Marfim. Sofia Seixo Garrucho colocou algumas questões à artista sobre o seu novo trabalho.

Começaste a cantar com DENON SQUAD
ou em casa já cantavas umas cenas sozinha?

→ A cantar comecei com DENON SQUAD, até foi durante uma brincadeira em que era pedido para fazer uns coros numa música que terminou em versos. Foi essa música que eu fiz com eles que chegou aos ouvidos dos BURAKA SOM SISTEMA, que na altura estavam à procura de uma vocalista substituta para a tour e foi daí que as coisas ganharam um rumo. A partir dessa música com DENON SQUAD eu comecei a escrever em casa. A *Wegue Wegue* foi uma das primeiras que escrevi e apresentei no primeiro encontro em estúdio com os BURAKA. Eles pediram para cantar qualquer coisa e cantei essa. Cantei essa e também o *19*.



corpete e calças Marques Almeida
camisola em mesh Maria Curado
brincos em vidro Belisco
luvas Marcos Hass Horn x João Magalhães

Foi a convite dos DENON SQUAD ou tu própria é que te propuseste a cantar?

→ Foram eles, porque eu na altura era bailarina, dançava. A conexão com eles foi pela dança. Um dia, em estúdio, faltou uma das artistas. Então eles perguntaram “olha, não queres fazer o coro”? Nessa altura, super tímida e pouco confiante, eles disseram “vamos nos divertir, não é nada sério” para me motivar. Então no fim tínhamos já uma canção feita.

Como foi o teu primeiro contacto com o Kuduro?

→ Desde sempre, mas mais pela dança. Em Angola eu vivia no município do Cazenga, Hoji Ya Henda no Bairro da Cuca, Luanda. Eu conto essa história toda na música *Veque Veque!*. Falo do meu bairro, com várias referências de Angola: “Vim pôr no mapa Hoji Ya Henda, Terra de grandes nomes do Semba, Arraso tipo kalemba, Sou de Angola como a mulemba”, uma árvore que só existe em Angola... → Eu cresci dentro da comunidade e do ambiente da cultura angolana. Porque depois, já em Lisboa, nas festas e nos convívios, a gente ouvia o mesmo que nas festas em Angola e era uma forma de matar saudades da terra. O meu reencontro com o Kuduro em Portugal tornou-se revelador para mim porque senti que encontrei o meu lugar. → No início o Kuduro estava só dentro da comunidade angolana. Nos aniversários, entre família e pessoal que se conhecia, a gente continuava a viver e a recordar a nossa cultura angolana. Depois os artistas que começaram nos bairros em Lisboa a fazer cenas acabaram por ajudar a difundir o Kuduro.

Após a tua saída dos BURAKA SOM SISTEMA ficaste ainda uns anos sem lançar nada. O bichinho esteve sempre lá ou ficaste algum tempo sem cantar?

→ O bichinho sempre esteve lá porque eu não parei de trabalhar, eu continuei a lutar pela minha carreira a solo até chegar aqui com o álbum: *Sakidila*. Antes lancei dois EPs: *Baia* e *Uva*. Eu nunca parei, estive na luta, no anonimato porque algumas portas fecharam, mas outras foram abrindo.



corpete, vestido e perneiras Arieu
headpiece Valentim Quaresma
sandálias Marques Almeida

Preferes projeto a solo ou em formato banda?

→ Na minha relação com a música, a dança está sempre presente. Culturalmente, nós dançamos juntos, fazemos a festa juntos, celebramos juntos. Então é algo que está enraizado e que para mim funciona bem estar em banda, em grupo. Quando fazemos música nunca estamos a solo, é uma partilha de vivências e de ritmos do mundo.

O teu mais recente álbum chama-se

Sakidila, que é como termina a música

Bruacos: “Sakidila Angola, Sakidila Kuduro”. O que significa Sakidila?

→ Sakidila significa obrigada, gratidão! E é a gratidão que sinto pelos anos de luta. Sakidila é uma expressão em Kimbundo, uma das línguas de Angola. Por várias razões envolvidas nessa jornada, senti que é importante agradecer. → Com tantos anos de luta consegui ainda ter forças para batalhar durante a pandemia, que foram os anos que passei a gravar o álbum, mas para mim já era uma busca que vinha de há muito tempo, desde que eu saí dos BURAKA. → Eu ia lançar o álbum pela Enchufada, mas parte daquelas promessas muito bonitas que fazem e tal, que depois quando têm o que querem e o que precisam e já não há nada para ninguém. Acabou o mel, mas o doce afinal quem o tinha era eu! Mas eu era muito nova para perceber e também para entender a questão da indústria, que é má cabra às vezes.

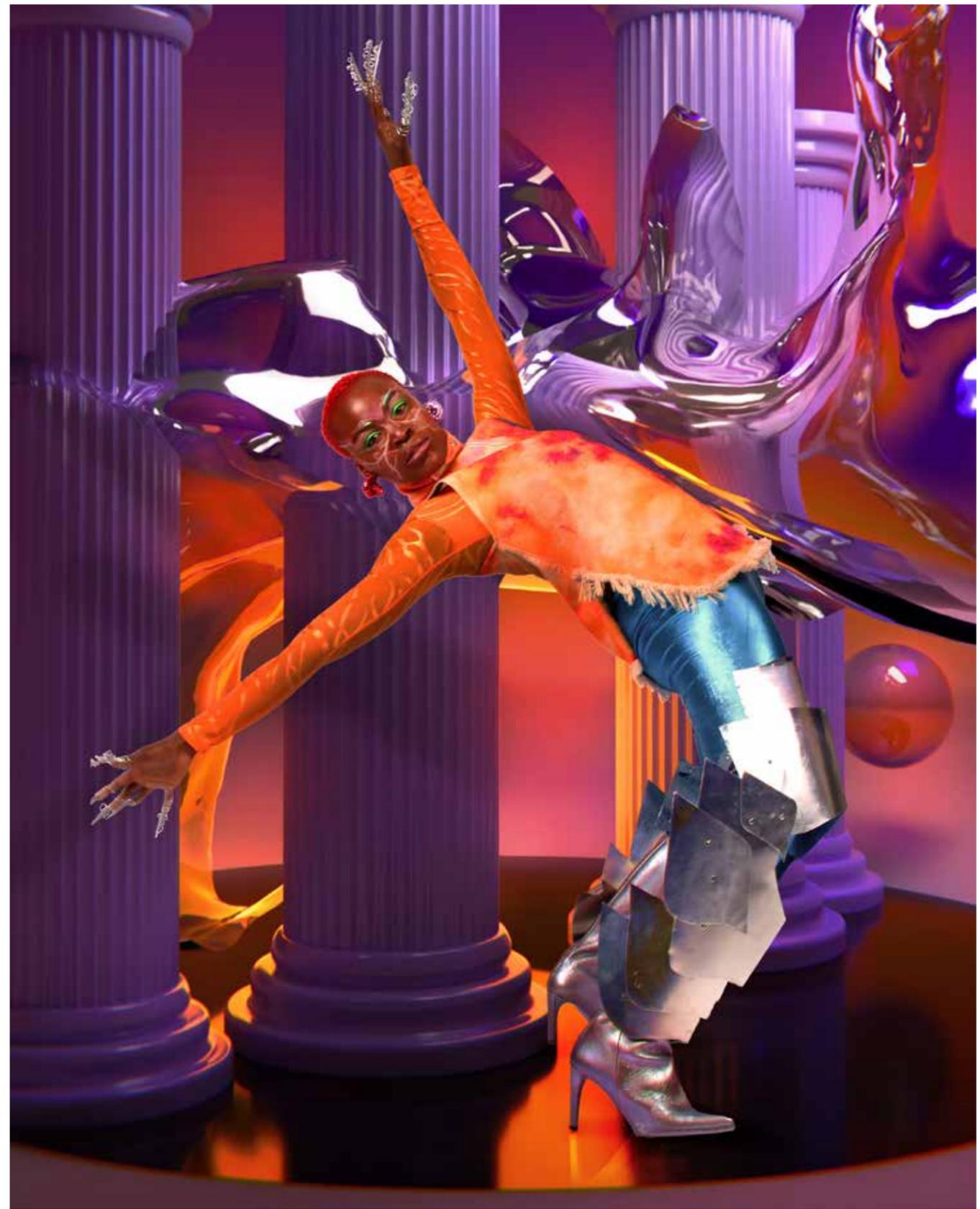
És uma das embaixadoras do Kimbundo

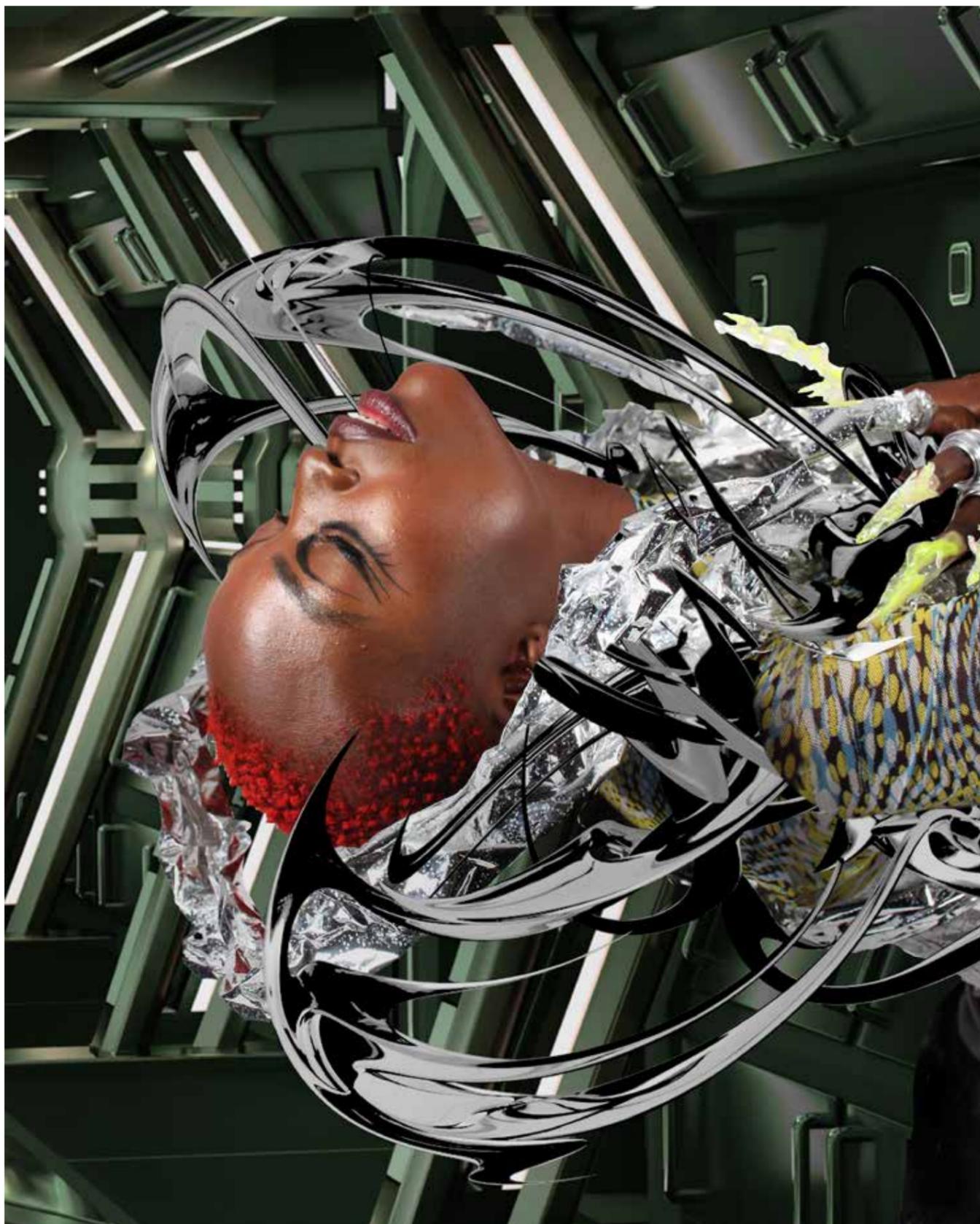
Acreditas que daqui a uns anos o português venha a ser substituído pelas línguas oficiais dos PALOP, tanto nos PALOP como em Portugal?

→ Sim, acho que sim, tal como no Brasil. Eu espero e sonho termos cursos aqui das línguas tradicionais e que no futuro possa vir a ser valorizado em Portugal. Porque Portugal tem uma diversidade enorme de culturas e isso é que faz Portugal ser o país que é, livre. Então claro que sim. E estamos a trabalhar para isso.



top Marques Almeida
botas Darya Fesenko
brincos Inês Nunes





anéis Inês Nunes
corpete Darya Fesenko
acessório de peito Luís Oliveira

Acreditas que a tua música possa mudar o mundo, ou pelo menos a vida de algumas mulheres? Pergunto particularmente pela *Hey Linda...*

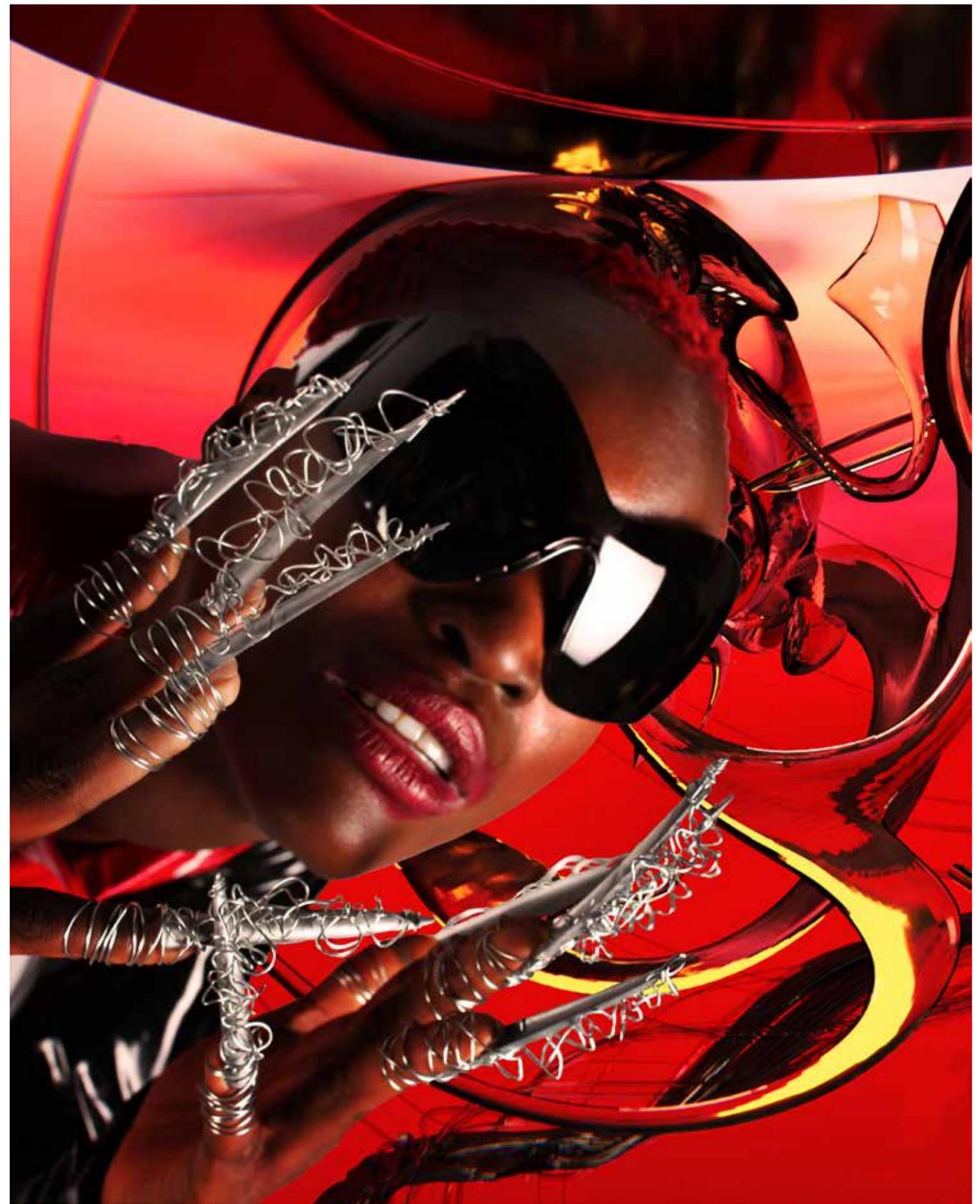
PONGO Claro, esse é o objetivo. Eu gosto de compartilhar as coisas que fizeram a diferença na minha vida, assim como histórias. Cada composição tem uma história. O tema, *Hey Linda* é uma oração que toda a mulher deve fazer à frente do espelho todos os dias como rotina: "Hey Linda · Tu sabes que és a diva · Não deixes ninguém duvidar · És a primeira a acreditar". E então, sim, é o que eu quero e o que eu visualizo num futuro muito próximo. Assim como eu, já há muitas mulheres a fazerem o mesmo por nós. Então eu estou a fazer o meu caminho e enquanto isso, faço a minha parte. Espero realmente poder ajudar a mudar a vida de muitas mulheres e não só.

De onde vem a urgência que impõe o teu corpo dançante?

PONGO A urgência vem de dentro, eu não sei explicar... É uma conexão com o ritmo, com a música, que é como se o meu corpo reagisse automaticamente, até mesmo no meu processo de criação, quando componho, eu danço inconscientemente. E nós, culturalmente temos uma linguagem corporal muito forte, é ancestral e vem de dentro. → Eu sinto que isso vem de muito muito tempo atrás, tanto que levou algum tempo, eu própria, a entender toda essa linguagem corporal que acaba por se traduzir e transformar-me. E eu fico sempre muito feliz de me reencontrar com os meus ancestrais, de ter o meu reencontro com eles e é ali que eu também passo a entender a conexão com as pessoas que vou conhecendo, independentemente do idioma. → Quando a gente partilha a música, as pessoas recebem sem entenderem a língua. Não é seguir o ritmo, é algo que nos transcende, algo que independentemente da nação, nos encontra, existe uma conexão imediata a partir da música que nos liga a todos lá atrás, ao passado. Eu tenho o feedback de muita gente que me diz: "ai, tu levaste-me para um tempo muito antigo, outras meets, uma ancestralidade, uma nostalgia que nos liga a todos". → É um regresso a casa que nós estranhámos, mas faz-nos sempre voltar para um lugar que é confortável e que nos motiva tanto para o presente como para o futuro. E é dali que entendo a expressão que a minha avó sempre me dizia "é importante saber de onde é que viemos para saber para onde é que nós vamos".



macacão Darya Fesenko
óculos Balenciaga na André Ópticas



CIGARRA



A ECDISE DE CIGARRA

Texto Sofia Seixo Garrucho

DJ, performer, produtora, label manager e curadora são algumas das valências da CIGARRA que nas praças portuguesas e do Mundo começa a ser uma figura familiar. Foi uma das agitadoras da cena underground de São Paulo e fez parte da formação original do coletivo VOODOOHOP. Era metade do duo JARDIM ELÉTRICO, ao lado de BIRDZZIE e em 2016 lança o seu primeiro trabalho autoral, *Limbica*, pela Tropical Twista Records. Mais tarde, criou a sua própria label, Hysteriofônica, uma editora discográfica focada apenas em artistas femininas. O seu trabalho tem sido direcionado no empoderamento feminino dentro da cena eletrônica mundial, tendo vindo a desbravar muito caminho para novas DJs e produtoras. Sofia Seixo Garrucho esteve à conversa com CIGARRA para descobrir mais sobre o percurso e militância.

Antes de mais, porquê o nome CIGARRA.

Tem algum significado especial?

CIGARRA Vixx! (risos) Vamos lá... Eu integrava um grupo onde participavam vários DJs que tinham nomes de animais, meio que por acaso. Tinha MACACA, tinha URUBU, tinha o BIRDZZIE... Isto foi há uns 9/10 anos atrás. E aí, quando eu criei essa ideia de tocar sozinha, porque eu tinha uma dupla, o JARDIM ELÉTRICO com o BIRDZZIE, quando me veio a vontade de tocar sozinha, estive num festival na Chapada Diamantina e fiquei numa barraca, debaixo de uma árvore imensa cheia de cigarras. E me veio essa coisa muito forte assim, delas serem muito maravilhosas, então eu fiquei tipo: "uau, isso é muito lindo o que está acontecendo em cima de mim, mas ao mesmo tempo é muito estridente e incômodo. Mas é um incômodo do tipo: como negar? É um incômodo muito interessante e especial." E aí eu pensava naquilo que eu queria tocar e tinha um pouco a ver com isso. Tem muito a ver com casulo também, com o tempo que eu fiquei encasulada criando isso. → Quando eu criei a CIGARRA, não sabia, mas fiquei sabendo logo na sequência que estava grávida. E tem muito que ver com essa nova ÁGATHA que se formou, porque quando a gente pare, a gente vira uma nova mulher mesmo. Então eu estava criando esse casulo todo, a capa do meu primeiro EP é justamente a minha barriga com uma cigarra no meio do meu umbigo, com todas as texturas, das minhas estrias, de como se desenvolveu a minha barriga. Então acho que isso conversou de uma forma muito mágica, cheia de significados, e eu mantive, foi ficando...

Engraçado, tu explicaste que a capa do teu primeiro EP era uma cigarra na tua própria barriga, eu pensei que fosse a ilustração de uma vulva.

CIGARRA Pois, parece! Eu encaixei precisamente ali a parte da cabeça no umbigo para parecer um clitóris. Eu acho que tem muito a ver com isso tudo. Foi propositado.

Já lá vão mais de 15 anos de DJing. Na altura, certamente não havia o mesmo número de mulheres a produzir ou a fazer DJing. Como foi o início deste teu percurso de desbravamento de campo e abertura para outras mulheres?

CIGARRA Assim que eu comecei a produzir o meu próprio som, porque eu estava a tocar enquanto DJ e já era uma coisa muito pulsante para mim, era uma militância mesmo, boa parte dos meus sets eram compostos por músicas de mulheres do mundo inteiro, quando eu fiz meu som, as minhas músicas também tinham esse motte, eram uma apropriação de samples, construídas com vozes femininas, os nomes das músicas eram nomes de furacões e toda essa coisa de usar nomes de mulheres em catástrofes naturais. E aí, quando eu lancei o meu primeiro EP, fui convidada para a Tropical Twista Records a participar da label e a fazer ali dentro uma compilação só com mulheres do Mundo. E pronto, a primeira edição já foi imensa, com 20 mulheres e tal, e essa iniciativa foi muito única na época em São Paulo. Tendo contacto com a cena em todo o Mundo também foi super interessante. A partir daí eu comecei a trazer isso comigo para todo o lugar onde tocava, as entrevistas que eu dava... Essa compilação era a Hystereofônica, teve três edições e na terceira ela já era uma label dedicada só as mulheres cis e trans, que terminou há uns anos atrás. Eu venho sendo impulsionada por essas mulheres, esse input foi super forte, precisamente porque boa parte dessas mulheres que eu convidava para participar dessas compilações não tinham lançado nenhuma música ainda e era sempre nesse discurso: "e aí, bora? Eu vejo no seu set que você tá produzindo alguma coisa, eu tenho a certeza", e elas: "pow, eu nunca tive essa oportunidade", era justamente um incentivo para novas produtoras surgirem e hoje são produtoras grandes! → Então isso está sendo super interessante, ver os frutos do que gerou a Hystereofônica e que depois virou também um programa de entrevistas na [Rádio] Quântica quando eu cheguei aqui. Mas é isso, eu acho que a cena desde esse tempo para cá, a Hystereofônica parou porque eu comecei a ver que está tão prolífero em volta que eu fui começando a ajudar outros projetos, labels e produtoras crescerem, fazendo o meu próprio trampo também e vendo como isso foi dando mais frutos do que eu podia acompanhar enquanto label manager, é gritante a diferença! A gente ainda está gatinhando, realmente, mas já é imenso, já teve um crescimento muito grande na cena, a nível de presença, não de representação. Estamos mais presentes e ativas, mas ainda é um trabalho de formiguinha se você for observar toda a cena mainstream. Ou seja, a gente está tendo um crescimento na cena underground, nalgumas cenas, mas é uma batalha diária. E então pensando em todo o resto da representação e da presença delas também, nós ainda temos muito menos slots, muito menos cachets, muito menos visibilidade, respeito e etc.

O teu primeiro EP, *Limbica*, lançado pela Twista, surge quase 10 anos após teres começado a ser DJ. Houve algum input que te levou a iniciar o processo de produção? Como referiste anteriormente, disseste que sentias nos sets de algumas DJs que elas já andavam a fazer experiências, tu própria antes de lançar *Limbica*, já tinhas vindo a fazer muitas experiências ou foi do dia para a noite que começaste a produzir?

CIGARRA Eu vivia com a Voodoohop Collective, estava a discotecar com ABLETON e ia construindo coisas juntas, nesse processo das nossas festas e tal, a gente ia trocando ideias, informações juntas. Então eu já ia brincando, com o JARDIM ELÉTRICO eu já tinha umas coisas, estava muito fascinada na época pela cena do Mash Up, então ia fazendo algumas cenas. E foi sempre uma militância para mim também, de apropriação de samples. E pronto, é assim, na música eu tenho um caminho que vem de percussão, de música tradicional brasileira e pesquisas do corpo e do audiovisual. Tudo isso veio criando um mundo criativo que fez sentido. Quando eu estava a fazer coisas enquanto VJ, de produção de eventos, de performance, estava tudo totalmente interligado. A forma como eu fazia música era mais ou menos a forma como eu fazia tudo em volta. Então para mim foi um caminho meio natural. Porém, sim, eu tinha um pouco mais de medo, um pouco menos de segurança e essa segurança veio com o convite da TWISTA. → O pessoal viu o meu set e pensou assim "hey, você já está produzindo!", que é o que eu faço mais ou menos agora: ir trabalhando samples tudo junto e fazendo um live set. "Você já está fazendo música! Que tal formatar isso em tracks e lançar um EP?" e eu fiquei "será?". → E aí foi um processo de me encorajar, porque eu acho que quando você lança algo sendo autoral, quando a gente pensa em Mash Ups e edições, tem esse contra interatividade que eu gosto de brincar também. Mas assinar alguma coisa foi um processo que demorou um pouco mais para mim.

O teu trabalho é muito introspetivo e sempre com muitas homenagens ao feminino, precisamente para trazê-lo para um meio extremamente dominado por homens, para recuperar de certa forma a feminilidade e ocupar esses espaços. Também não te ficas só pela produção e pelo DJing, tens feito muito trabalho a nível de curadoria e produção de eventos, certo?

CIGARRA Sim, na verdade é isso. Já em São Paulo eu trabalhava muito com isso, fazia muita festa de rua, muitas festas grandes que fazíamos em espaços alternativos. Todo esse processo que deu em MAMBA NEGRA agora, é fruto da gente ter vindo a ocupar os espaços da cidade. E aí, quando eu me mudei para cá, eu não tinha nenhuma garantia. Até ao meu último ano em São Paulo, eu estava trabalhando mais com editais, com outros projetos também em torno disso, mas eu tinha deixado de produzir eventos. E aí quando eu cheguei aqui, cheguei com uma mão à frente e outra atrás. Tinha 300€, mas já tinha umas ideias, já conhecia pessoas que faziam som aqui. Cheguei fazendo uma tour na Europa com o BIRDZZIE, que é o meu ex companheiro e pai da minha filha, tínhamos alguns bookings e tal, mas a gente sabia que ia ficar em Portugal.

Trypas Corassão, um projeto de performance e música que criaste com a TITA MARAVILHA, está neste momento em estúdio a preparar um novo álbum, não é?

CIGARRA É! A gente está finalizando o nosso primeiro álbum, que vai sair em princípio nesse verão pela Naive e a Mamba Rec juntas. É fruto do projeto PULSAR, a gente ganhou o concurso e entramos em residência para conseguir realizar o projeto. Se chama *Beleza como Vingança*, vai sair em vinil e em todas as plataformas. Aí a gente começa a girar esse show novo. E é isso, a gente já está em fase de mix e master, logo mais vai começar a ter as demos para começar a soltar, assim como o videoclipe que vai sair também no verão.



E o que mais tens preparado para mostrar ao Mundo?

CIGARRA Eu tenho me focado muito em trilhas sonoras, para performances, espetáculos, etc. O que aconteceu nesse percurso todo é que eu sempre fui muito conectada com performance, vídeo, teatro, dança e essa sensibilidade trouxe esse caminho para mim que me impulsionou a outros lugares de pesquisa muito maravilhosos. E aí, de uns dois anos para cá, eu tenho feito bastante sound design. E acho que a gente foi meio que lançada nessa cena, quando eu e a TITA fizemos *Trypas Corassão* a gente começou como uma peça e ela voou como atriz aqui também depois disso. Nossa dupla enquanto música começou em paralelo, com ela subindo na minha caixa de som dançando e depois pegou no microfone. No fim a gente pensou: "pera aí, isso aí tem um futuro!". Logo depois ela estava-se inscrevendo num edital e a gente passou a fazer *Trypas Corassão* enquanto performance. A gente começou e a peça chamava-se *Trypas Corassão, Espetáculo em dois atos* e aí a gente roubou o nome da peça para ser o nosso próprio nome. Então eu fiz uma série de outras trilhas, às vezes eu estava em cena, outras não estava, mas acho que cresci muito com isso, em pesquisa, etc. e tal. → Acabei de lançar com a Troublemaker Records um EP dessas trilhas, foi uma coisa super experimental, uma ideia maluca. A Trouble me convidou no meio de muito trabalho, mas eu não queria dizer "não" porque eu amo-es, eles são maravilhosos! Então é uma cassete com duas trilhas sonoras, uma de cada lado. São mergulhos assim de 20, 30 minutos, completamente de paisagens sonoras, não são tracks muito musicais, são sons bastante imersivos.



Para terminarmos a entrevista tenho ainda mais uma questão. Também estás envolvida no projeto PISO JUSTO, que surgiu para estabelecer um cachet mínimo para DJs e produtores, propondo uma diminuição da precariedade das pessoas envolvidas nestas áreas artísticas em Portugal. Sentes que aqui a indústria eletrónica ainda está pouco desenvolvida e tem pouca relevância em comparação com outros países em que já tenhas tocado? Já referiste isso, mas queres aprofundar?

CIGARRA Sim. Eu vou pela primeira vez assumir que eu estava no PISO JUSTO, porque era um projeto anónimo, mas tudo bem! Com o PISO JUSTO a gente foi descobrindo todas as equivalências com várias outras cenas da arte que são sucateadas aqui em Portugal, principalmente com todas as questões burocráticas. A gente pode começar pelo salário mínimo em Portugal, que já é um dos menores da Europa. Apesar de haver um turismo super desenvolvido e Portugal ser um país onde as pessoas procuram diversão, é o país central de um encontro de ex-colonos, então seria um grande investimento cultural a se fazer aqui, mas mesmo assim está engatinhando. E por mais que esteja crescendo, tendo uma outra visibilidade, porque está de facto aumentando, há uma porção que está trazendo uma pluralidade que está rolando aqui. Mas ainda assim, comparando com outros países, o reconhecimento enquanto profissão não existe. → Quando eu mudei para cá e falei que ia viver de ser DJ, todo o mundo falava "não, ninguém vive de ser DJ!" Como não existe isso aqui, gente??? É uma profissão que nos outros países é respeitada, as pessoas são bookadas para girar um mercado imenso! Mas diziam "não, aqui ninguém vive disso, você trabalha em alguma coisa durante o dia e à noite se arrisca a tocar músicas". → Quem já tinha uma cena desenvolvida aqui, ou estava em grandes clubes, ou estava conectado com uma cena de fora, que pouca gente faz isso aqui. Uma coisa que a gente aprendeu com PISO JUSTO, mesmo Portugal sendo um país que não valoriza, a esmagadora maioria do pessoal respondeu que não sai, não vai tocar fora. Então a pessoa fica aqui nessa precariedade, não consegue essa visibilidade e talvez a falta de noção de que o DJing pode ser impulsionado por um mercado dá uma estagnada. Não só es DJs mas também es representantes das casas noturnas que não acreditam nisso e acaba girando uma cena que não cresce muito.

CENTRAL PARQ

ANDY WARHOL'S DIARIES



ANDY WARHOL NA INTIMIDADE

Quem é o artista mais conhecido e controverso dos Estados Unidos? ANDY WARHOL será talvez a resposta que agrega maior unanimidade. Filho de imigrantes Checos que se instalaram na cidade metalúrgica de Pittsburg, WARHOL teve a rara capacidade de se ter mantido debaixo dos holofotes durante toda a sua vida, tornando-se uma figura pública, facilmente reconhecível. Para isso contribuiu o facto de controlar algum meios de comunicação que o podiam promover. Por outro lado, a sua obra, depois da sua morte não foi esquecida, pelo contrário, passou a ter uma grande procura, atingindo valores recordes em prestigiadas leiloeiras, elevando assim a popularidade e prestígio do artista. Mas quem era ANDY WARHOL? → Apesar de ser um figura de grande visibilidade pouco se sabe sobre a sua intimidade mas uma nova série da Netflix, *Andy Warhol's Diaries* vem levantar o véu, contribuindo assim para uma compreensão dessa figura que tão bem sabia esconder-se atrás de ficções que projetava sobre si mesmo. → *Andy Warhol's Diaries* é uma série documental de seis episódios dirigida por ANDREW ROSSI e produzida por RYAN MURPHY para Netflix, que tem por mérito criar um contexto cronológico onde a obra e vida do artista se cruzam, dando uma visão mais completa. O clima cultural e social de Nova Iorque é contextualizado com a produção artística a par de alguns aspetos íntimos menos conhecidos da vida do artista, e o que resulta é um retrato humano onde os medos do artista acabam por ganhar expressão. O envelhecimento, as doenças, o sucesso assim como questões sobre a relevância da sua própria produção artística estão sempre a ser questionados ao longo de todo o documentário que tem por base o livro homónimo de PAT HACKETT. Publicado em 1991, o livro foi escrito pela assistente do artista com quem WARHOL falava todos os dias ao telefone. Tudo era gravado, mas automaticamente esquecido no fundo de alguma gaveta. PAT HACKETT fez com que essa coleção de memórias se tornasse na base do seu livro que para muitos desiludiu, dada as imensas descrições da vida social do artista. Contudo o documentário soube ultrapassar esta questão trazendo muitos dos interlocutores que participaram nos acontecimentos descritos juntando assim várias perspetivas e maior densidade a questões centrais. Esta sensação de memória quase milimétrica é possível, pelo facto de estarmos a falar de acontecimentos que não se passaram há tanto tempo assim e pelo facto da *Fundação Andy Warhol* preservar todos os registos visuais de um homem que só parecia ter existência através de uma qualquer lente. Registrar tudo o que aparecia em redor, sem um objetivo evidente era uma obsessão do autor. Por isso, há um registo documental gigantesco atualmente arquivado e pronto a ser usado, o que permitiu ter imagens de muitos detalhes particulares que se imaginariam perdidos.

Texto Francisco Vaz Fernandes



Numa época que vivia fascinada pela produção compulsiva de imagens, WARHOL soube colocar-se dentro desse fluxo, contribuindo também ele para a glamorização de imagens já banalizadas. A popularização do seu trabalho conta com a imagem de estrelas de Hollywood, figuras VIP da época que passavam por um processo de reprodução mecanizado com cores artificiais, tornando-se tão típicas da sua obra. A produção de múltiplos punha fim à ideia de obra única e do gesto artístico pondo em causa a aura de obra de arte. Contudo, os múltiplos como acontecia com qualquer produto publicitado tornavam o seu trabalho iconizado. Uma imagem única de MARILYN MONROE multiplicada com várias soluções de cores torna-se na sua possibilidade de dispersão mais glamorizada e desejada como ele bem compreendia. → Esse fascínio que tem pelos aspetos mecânicos que no fundo são um pilar da sociedade capitalista faz com que Warhol se veja muitas vezes como um robot. Em geral, procura não expressar uma opinião, porque evita trazer uma perspectiva moralizante. A própria construção de uma imagem assexuada compreende-se nessa perspectiva se se apanhar num cenário de subjetividade. Esta questão torna-se um dos pontos cruciais no desenvolvimento deste documentário debatido tanto por académicos como por pessoas mais próximas.





O recalçamento da sua subjetividade obedece a uma estratégia de controlar aspetos emocionais. Apesar de viver em Nova Iorque, onde gozava de uma grande permissividade sexual e de a *Factory*, a sua própria casa, se tenha tornado o epicentro de uma nova cultura, no essencial queer, ANDY WARHOL parece recalçar os seus sentimentos. JED JOHNSON e JON GOULD são as suas únicas relações mais visíveis e o documentário conta com testemunhas fulcrais, como familiares e amigos que as descrevem. Nunca foram relações abertamente assumidas o que permitiu ao documentário reconstruir o ambiente homofóbico que se vivia na época, apesar de falarmos de Nova Iorque e apesar do nicho de liberdade de comportamentos que se vivia na *Factory*. → Um dos últimos episódios é quase na totalidade dedicada ao processo de construção de uma cultura gay vibrante gerada em Nova Iorque, abordando os seus excessos interrompidos pelo advento da Sida. O desconhecimento sobre o vírus e o efeito pandémico, assim como as mortes rápidas dentro do seu círculo de amigos conduz o artista Pop para um ambiente depressivo. Por fim, o falecimento de JON GOULD, a sua última relação emocional coloca o tema da morte, nomeadamente nas suas recriações sobre a última ceia de Cristo, no centro da sua produção. Para alguns era já uma referência ao luto dentro da comunidade gay, mas ainda assim os seus principais críticos recriminam-lhe uma posição mais política e solidária numa época em que os direitos dos homossexuais passam a ser discutidos. Na verdade, o documentário chega a especular que o artista que morreu em 1987 aos 56 anos de uma infeção grave proveniente da vesícula, seria vítima do seu pavor de ser contaminado pelo vírus, recusando-se a hospitalizar-se atempadamente. Um filme a ver especialmente quando nos é oferecida um ser complexo que nos convida à nossa interpretação final.





ARTE BRUTA



↑ Mary T. Smith (Estados Unidos da América, 1904 – 1995), *sem título*, 1987

Tinta industrial sobre contraplacado, 54,5 x 61cm
Fotografia © Cortesia da Galeria Christian Berst | Art Brut

ANTÓNIO SAINT SILVESTRE iniciou com RICHARD TREGGER a *Colecção Treger/Saint Silvestre* na década de 80, que integra mais de 1700 obras de arte bruta, singular, outsider art e suas variantes. Isto é, produção artística de criadores autodidactas, alguns com patologias mentais, fora dos preceitos de estilo ou escolas. A colecção está em depósito do Centro de Arte Oliva (CAO), um vasto complexo fabril desactivado e renascido para a arte, que conta também com a colecção de arte contemporânea *Norlinda e José Lima*. → Trabalham com galerias do mundo inteiro, assim como com coleccionadores que também adquirem as obras e contam com doações de «coleccionadores ou de famílias de artistas que querem pôr a salvo as obras que possuem. Temos convites de museus para expor obras da colecção». Aliás, têm neste momento 150 obras em exibição no *Museu Gugging de Viena*, um dos mais importantes centros de Arte Bruta no mundo. A rotatividade de exposições é constante, assim como a circulação de obras para outros museus e galerias. No entanto, como diz ANTÓNIO, «nem sempre é possível aceitar todos os pedidos, pois as obras de Arte Bruta são frágeis e necessitam de uma rigorosa manutenção por especialistas». Têm um projecto com o Museu Soares dos Reis para o Outono, para além do programa anual de exposições no Centro de Arte Oliva. → Esta colecção é a única em Portugal. ANTÓNIO clarifica: «Mesmo no sul da Europa, num país como Itália, fértil no campo da "Arte Bruta" através de inúmeros e famosos artistas "brutos", não tem uma exposição permanente; nem Espanha, onde o Museu Reina Sofia e La Casa Encendida apresentam regularmente exposições de Arte Bruta». A originalidade da colecção torna-a ainda mais apetecível, ao visitante, mas também às instituições. ANTÓNIO conclui: «Nós temos a intenção de deixar esta colecção em Portugal, pois será um trunfo cultural para este país, mas para conservar e fazer "vivre" duas mil peças desta colecção em permanente crescimento, é necessário uma estrutura sólida e com meios suficientes. Em Portugal, contrariamente ao resto do mundo, a Arte Bruta, a última aventura artística do século XXI, ainda é pouco conhecida, porventura propositadamente ignorada. Dezenas de colecções privadas dormem em armazéns à espera de uma casa. Nós tivemos a sorte de encontrar uma em São João da Madeira».

CENTRO DE ARTE OLIVA
Rua da Fundição
São João da Madeira

tsscollection.org
centrodearteoliva.pt



↑ Aloïse Corbaz (Suíça, 1886 - 1964)
"Sphinx de Paris au Louvres et Bonaparte d'Abrautès" (c. 1951-1960)

Lápis de cor e sumo de gerânio sobre
 folhas de papel costuradas, 140 x 50cm
 Fotografia © Cortesia SIK-ISEA, Zürich



↑ Adolf Wölfli (Suíça, 1864 – 1930)
sem título, 1910

Lápis de cor e grafite sobre
 papel, 102 x 81cm
 Fotografia © André Rocha

→ A.C.M. (França, 1951)
sem título, data desconhecida

Objetos recuperados, 92 x 39 x 32cm
Fotografia © André Rocha





→ Vista exposição *_sereno variável_*

Fotografia © Dinis Santos



PARQ FASHION

BURNING SUN

fotografia João Luís

dir. criativa + ed. moda Tiago Ferreira

modelo Ngaça, na Face Models

ilustração Lúcia A. Oliveira

make-up Verónoca Zoio

ass. styling Gonçalo Borges, Rebecca Zola

ass. foto Valeria Creanga

produção Brunna, Carolyna

Agradecimento especial a ETIC Lisboa





Valentino na Stivali

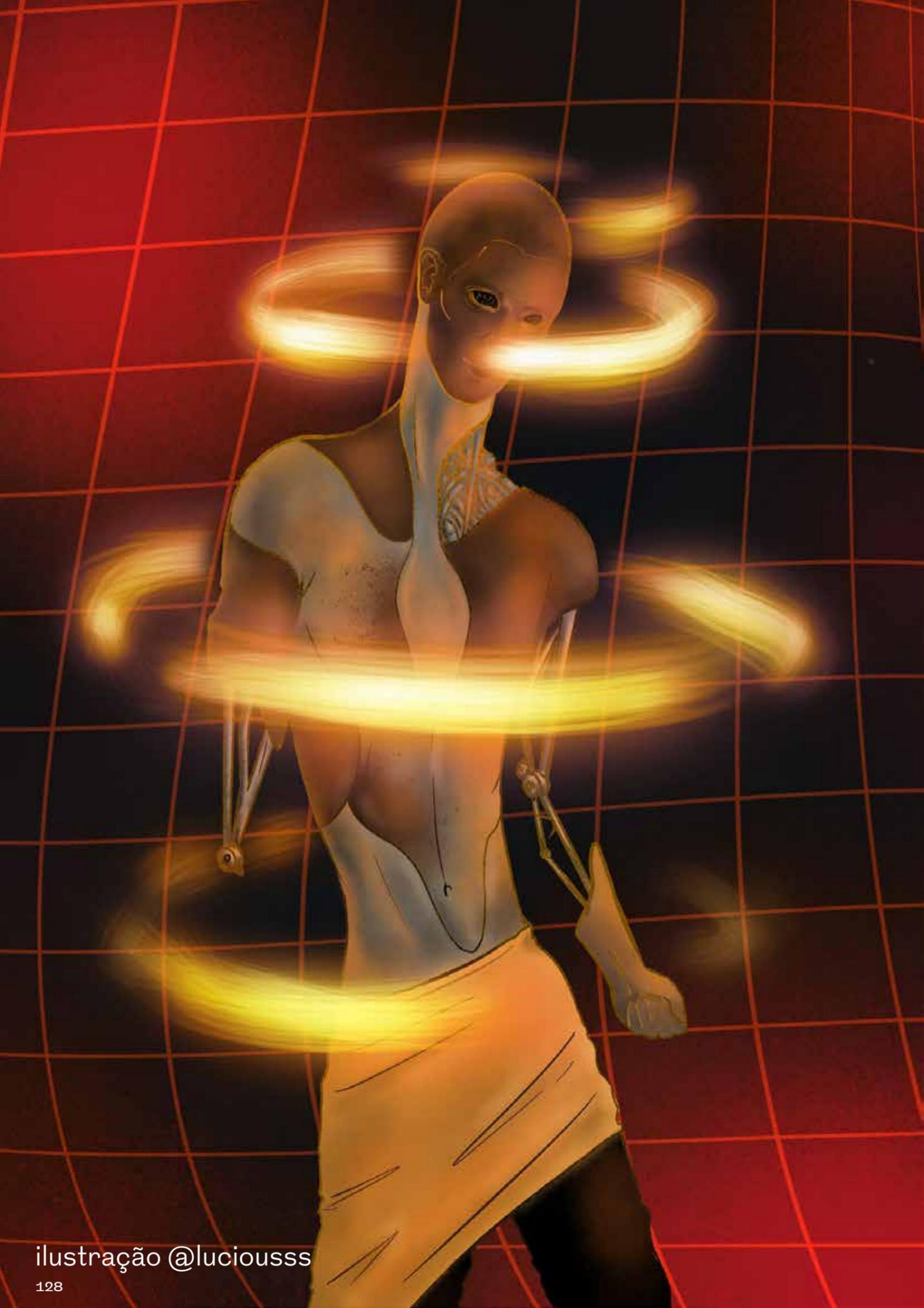


Paco Rabanne na Fashion Clinic



trench coat Balenciaga
top e calças Paco Rabanne na Fashion Clinic







top Paco Rabanne na Fashion Clinic



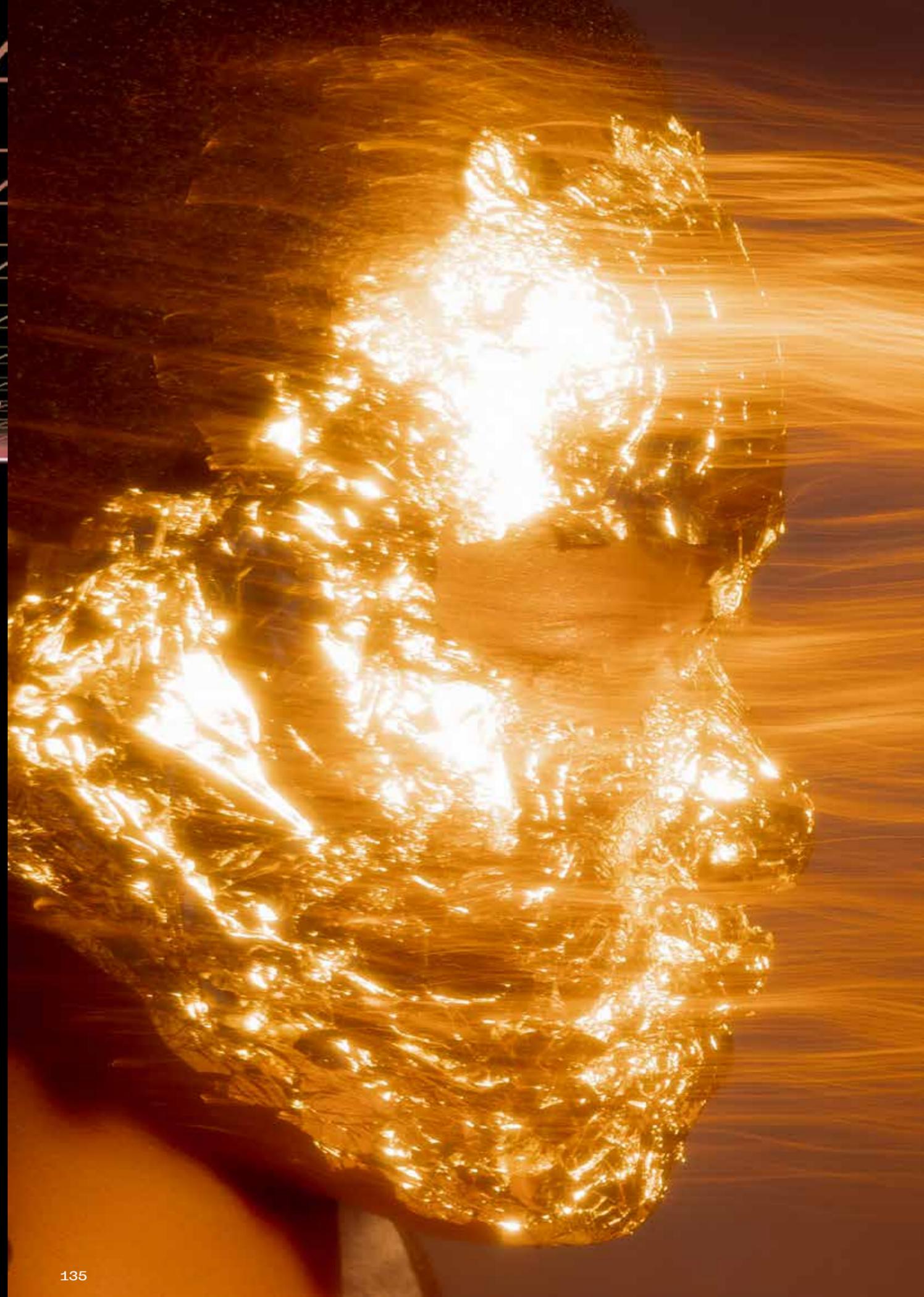
Balenciaga na Fashion Clinic



casaco Dries Van Noten na Stivali



Double J na Fashion Clinic

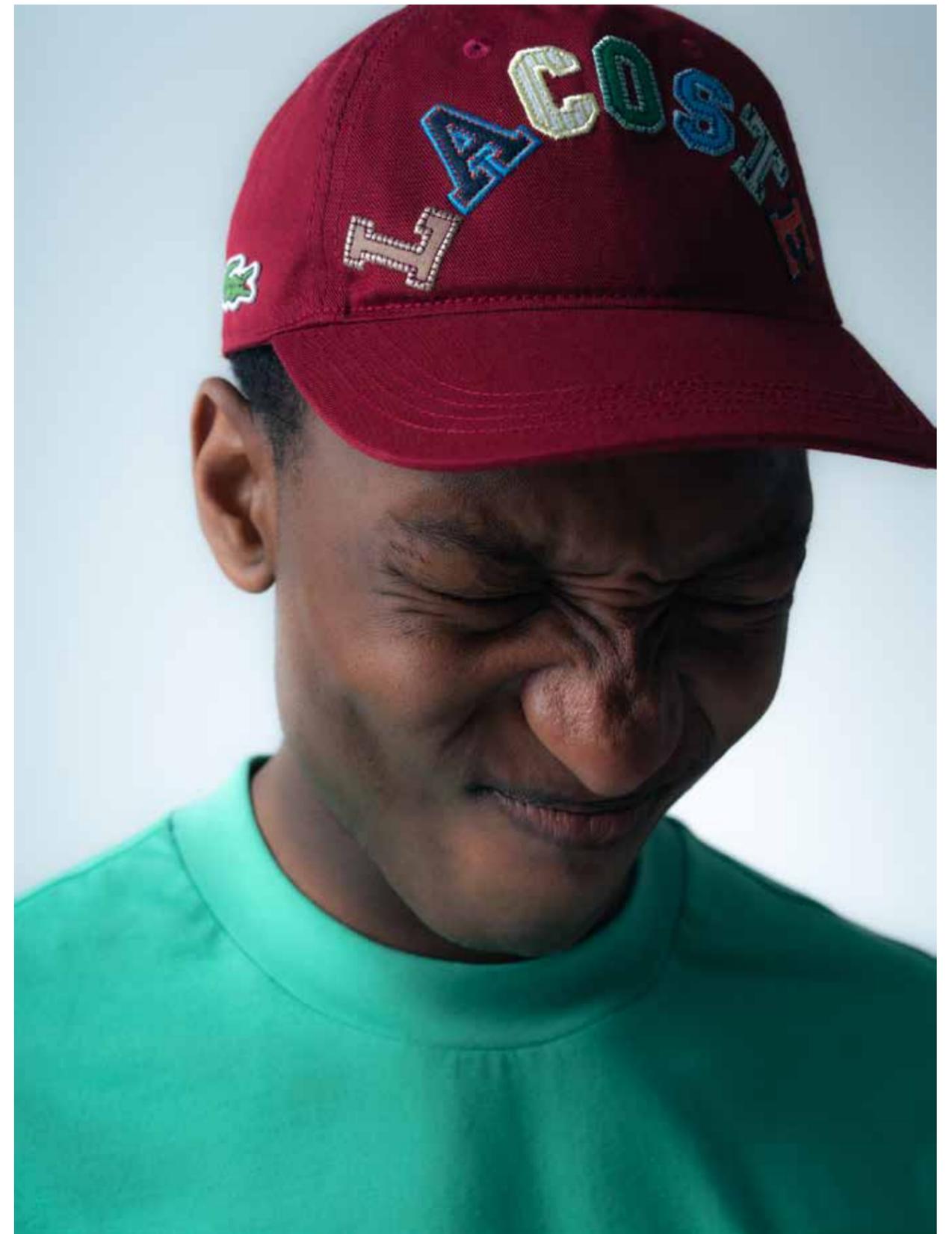


I HAVE MANY FACES AND SOME FEELINGS

fotografia Francisco Hartley

dir. arte + styling Daniela Gil

modelo Sílvio Dalesio na we are models







sweater Scotch and Soda
lenço Kanken

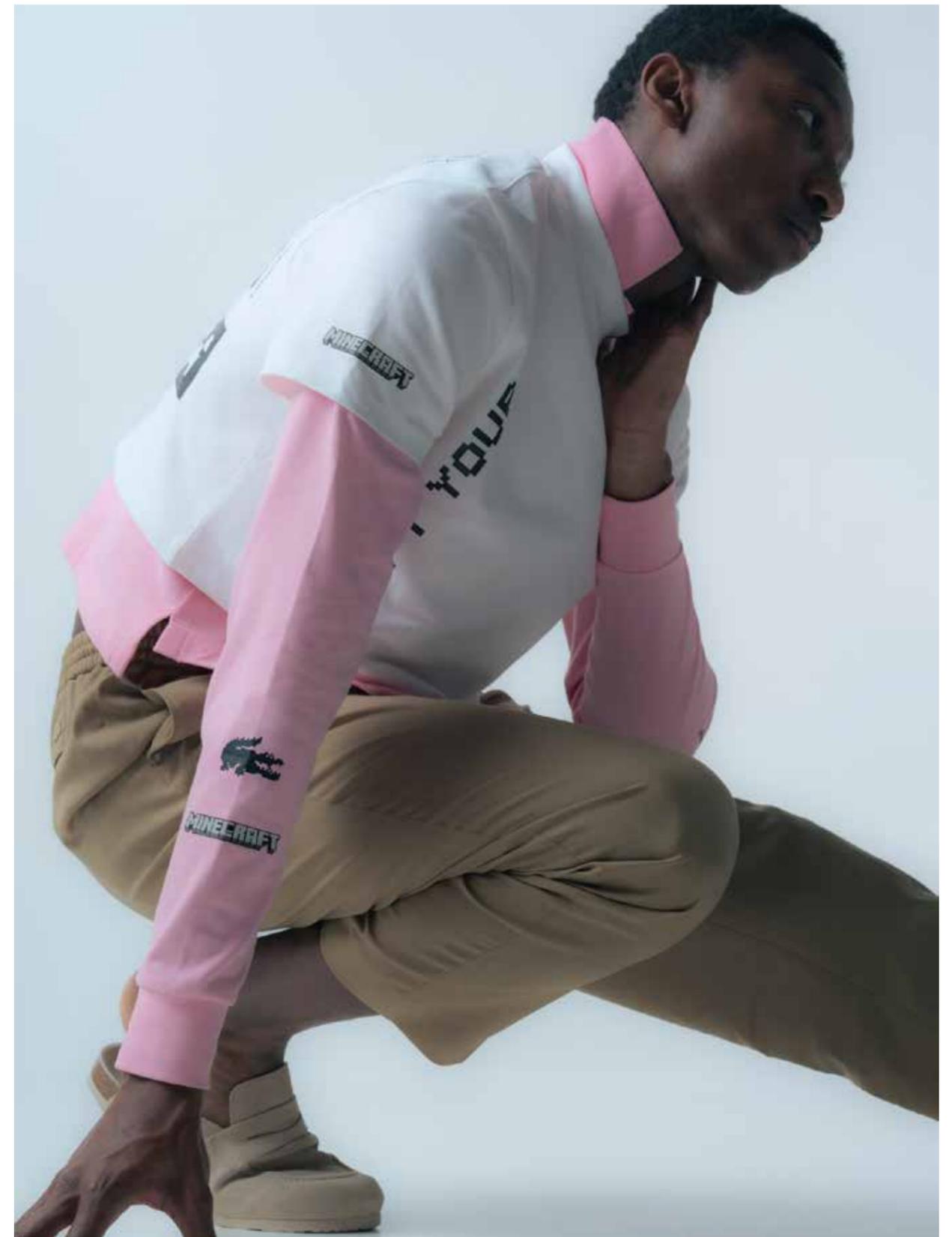


tshirt Intimissimi
camisola Osklen

calções Guess
mala Lacoste
colar Juliana Bezerra



polo e calções Gant

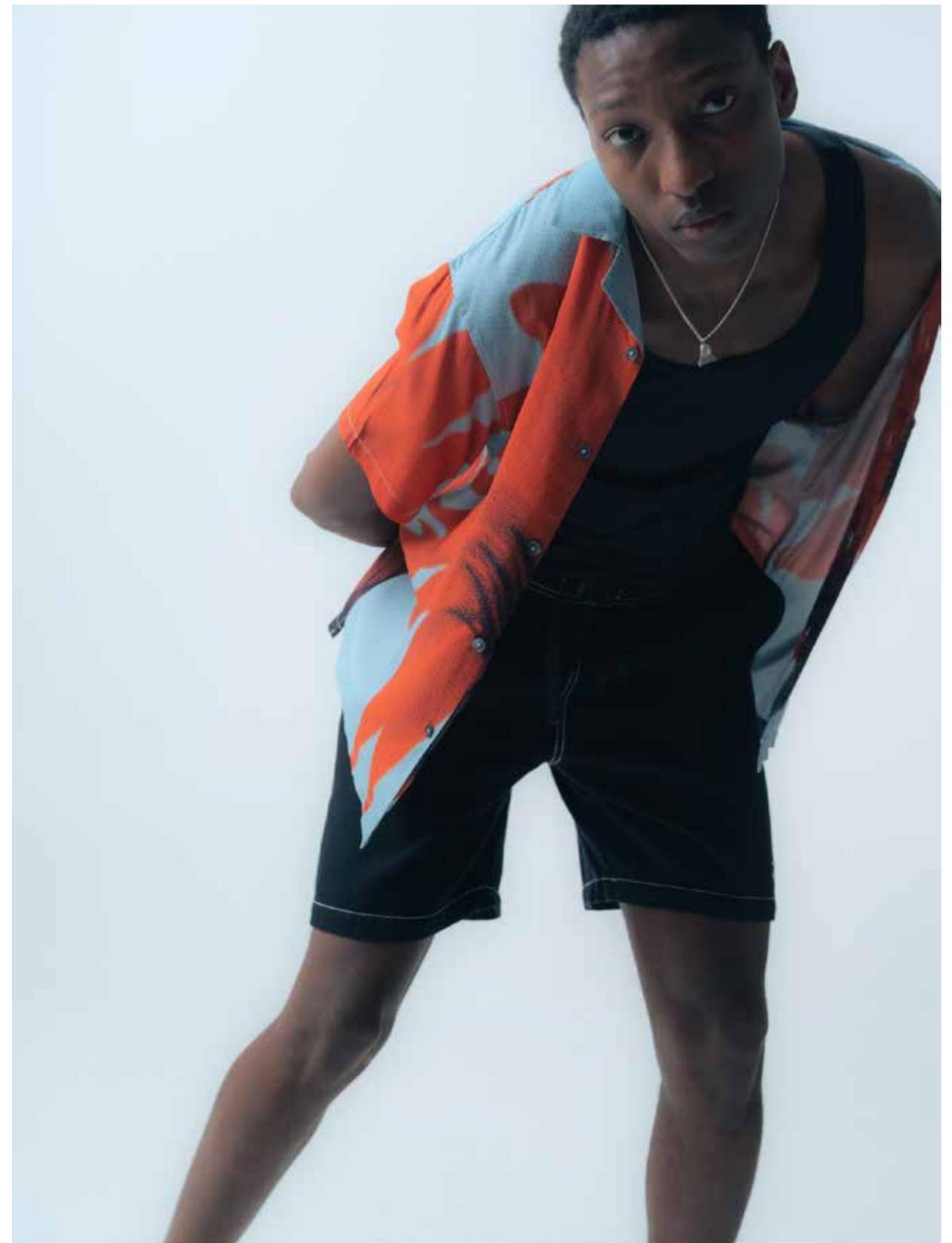


polo, tshirt e calças Lacoste
sapatos Tommy Hilfiger

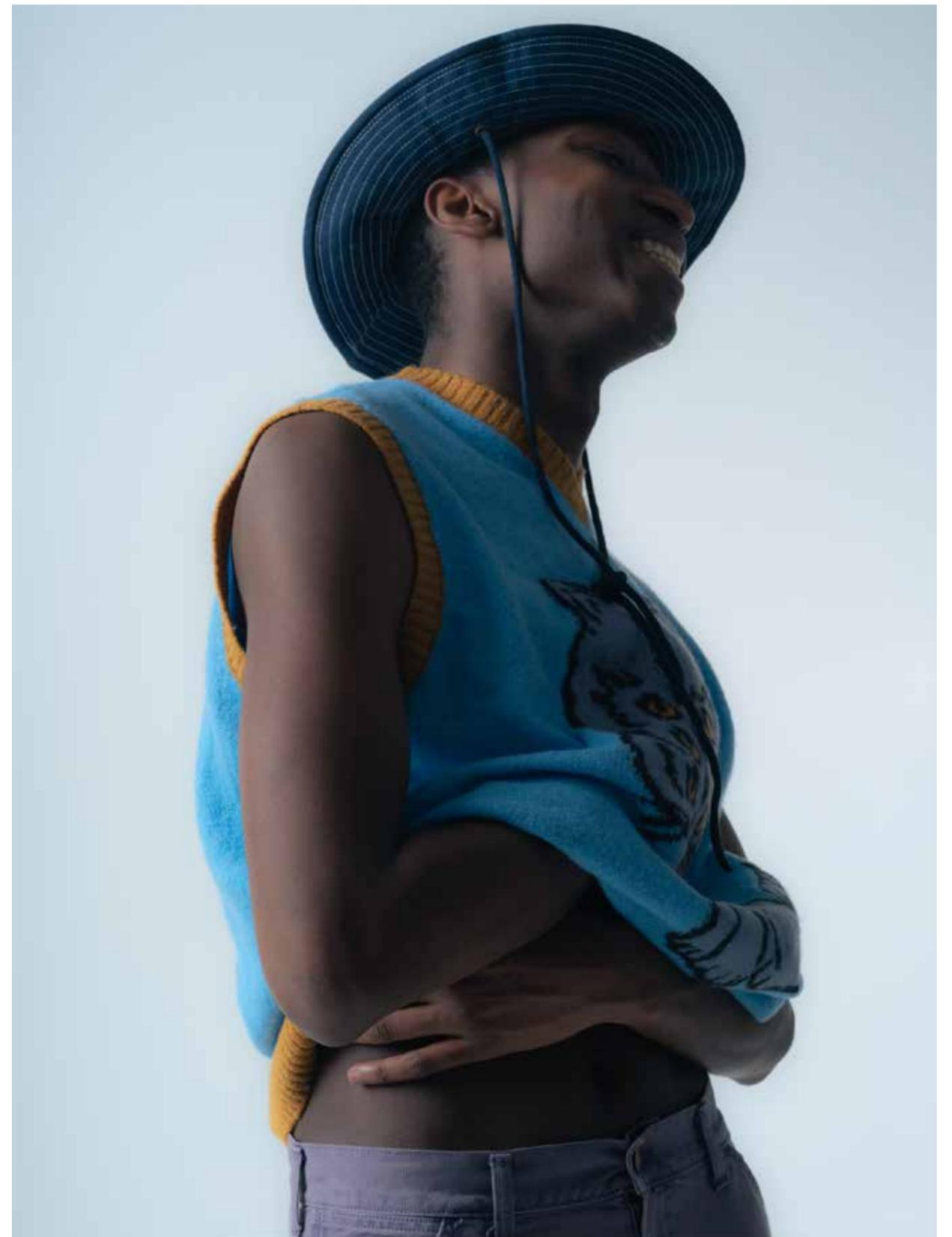




tshirt Intimissimi
colar Juliana Bezerra
casaco e calças Carhartt na Parlamento



tshirt Intimissimi
colar Juliana Bezerra
camisola e calções Stussy na Parlamento



colete Brain Dead
chapéu Vans
calças Carhartt na Parlamento
148

PARQ
HERÉ

LAS FICHERAS Não podemos pensar no Cais do Sodré sem o LAS FICHERAS, um dos primeiros restaurantes mexicanos de Lisboa. Para PATRÍCIA CAMACHO, a mentora, tudo começou por várias viagens ao México onde ganhou familiaridade com a comida local, tão diferente e desconhecida em Portugal. Só teve que procurar um chef local, para garantir a autenticidade gastronómica quando surgiu a hipótese de abrir um espaço de raiz. E o sucesso do LAS FICHERAS tornou-o um local obrigatório e ajudou a fixar um público a um dos bairros mais trendys da capital que em alternativa ao Bairro Alto, apenas começava a dar os seus primeiros passos. Para uma zona tradicional de bares frequentados por gente embarcada, dar ao restaurante o nome de LAS FICHEIRAS, referindo-se as mulheres que no México trocavam favores por fichas, não podia ser mais adequado. Essas mulheres que marinheiros gostavam de tatuar, no corpo aparecem agora reproduzidos nas vidraças do Las Ficheras. Há 10 anos que as vemos a saudar quem passa pela rua. → A cozinha do LAS FICHERAS deu a conhecer os nachos, os tacos, os burritos, as tortillas e as quesadillas, tudo pratos populares da gastronomia mexicana que podem ser acompanhados por vários recheios ou molhos que ajudam a criar dinâmicas distintas e que se adequam aos gostos pessoais de cada um. É aqui que LAS FICHERAS, procura estar sempre a inovar, porque é preciso não só adaptar-se ao palato nacional como também surpreender um cliente mais frequente. → Como a ideia era partilhar começamos por uma mesa que tinha à prova um Taco Xochitl (11€) apresentado como a novidade da estação. Traz sabores do mar para a mesa através da presença dos tentáculos de polvo ao qual se juntam o puré de pimentos e o crocante de alho francês. Uma maré de frescura marítima. Juntamos uma guacamole caseiro com *totopos* (7,20€) um básico obrigatório e quesadilha de frango com chipotle desfiado, cebola e tomate seco (8,20€) super crocante, sabor fumado a pimento, fez-me recordar porque devo voltar aos locais onde já fui feliz. É uma comida que aquece a alma, os calores sobem e, claro, nada melhor que um cocktail refrescante, para contrariar o picante dos chillies. Comecei por uma Margarita Passion, uma fusão de tequila branca com lima e sumo de maracujá (7,5€), que veio abrir a vontade de uma segunda. Terminei então com a novidade da estação o Melon Baby (9€), uma sugestivo long drink, de cor verde, onde a tequila se harmoniza com o sumo de melão. Senti-me um adolescente dos anos 80 atraído pelo exotismo da cor. Será, neste verão, um excelente trunfo para quem goste de bebidas leves e aromáticas Por fim, veio vieram as opções de sobremesa e aventurei-me por uns churros com doce de leite (4,2€) que se revelaram uma das grandes surpresas do almoço. Uma sobremesa gulosa, pouco evidente, mas que chegou a mesa perfeita. → Para completar o LAS FICHERAS é espaço aberto, musical com uma programação sempre inovadora que se pode seguir nas redes sociais. As noites de pole dance são a grande novidade na programação. O Varão está mesmo a entrada por isso durante as atuações o público que circula na rua também se sente convidado e os olhares acumulam-se obrigatoriamente nas vitrines. Dentro e fora a ferver remetendo-nos para uma verdade festiva do bairro cuja a identidade foi forjada pelas nossas “ficheras”. ♥ texto Francisco Vaz Fernandes

Las Ficheras
R. dos Remolares 34, Lisboa
T. 213 470 553

@lasficheras

152

PARQ HERE



153

PARQ HERE

MANAH Três irmãos, filhos dos fundadores da famosa cadeia de cozinha Mediterrânea - Joshua's Shoarma Grill, presente em Portugal, nas praças de alimentação de grandes superfícies, procuraram lançar um espaço premium, o MANAH que oferece o melhor que sabem fazer: uma cozinha que bebe nas suas origens israelitas, mas contemporânea aberta a outras culturas. → Cada um dos irmãos contribuiu numa área especializa do projeto. NATHANAEL, com formação na Escola de Culinária Le Cordon Bleu, em Paris, é quem chefia a cozinha deste “creative bistro & bar”, propondo uma gastronomia do médio oriente e mediterrânea, com a influência da cozinha francesa. A irmã DANAH, especialista em wellness coaching e nutrição, ajudou a desenhar a ementa para garantir opções saudáveis e os pratos vegan tornaram-se um dos destaques do MANAH. Já MAYA MOR, artista plástica, é a responsável pela conceção e decoração do espaço. → Para quem não está muito familiarizado a carta já sugere alguns combinados. A ideia é celebrar o conceito “Sharing is Life” e por isso sugerem-se vários petiscos a serem partilhados como a shakshuka, hummus, beringelas recheadas, ‘pizettas’ sem glúten, bowls gigantes, espetadas de diversas carnes grelhadas —os famosos skewers—, folhados e salgados com recheios típicos, pão pita quente e molhos para acompanhar. Para sobremesas, todas caseiras, a carta sugere a típica baclava, o merengue de limão decomposta. Para beber, apresenta diversos sumos naturais mas também existem cocktails variados. → Porque querem que o espaço tenha igualmente uma dinâmica cultural vão anunciando diversos workshops de pintura, macramé, cerâmica e de cozinha, entre outras áreas artísticas que vão acontecendo ao longo do tempo. É importante por isso seguir o MANAH nas redes sociais para estar informado. De resto, música ao vivo e jam sessions pode ser mais corrente. “Queríamos criar uma espécie de clube cultural versátil com boa comida, música, arte, refere Maya Mor, uma das mentoras. → Aos sábados e domingos, propõem uma ementa de brunch com uma oferta diferenciadora. ♥ texto Sara Madeira ♥ fotos Lena Silva



Nanah
Rua Moeda, 8, Lisboa

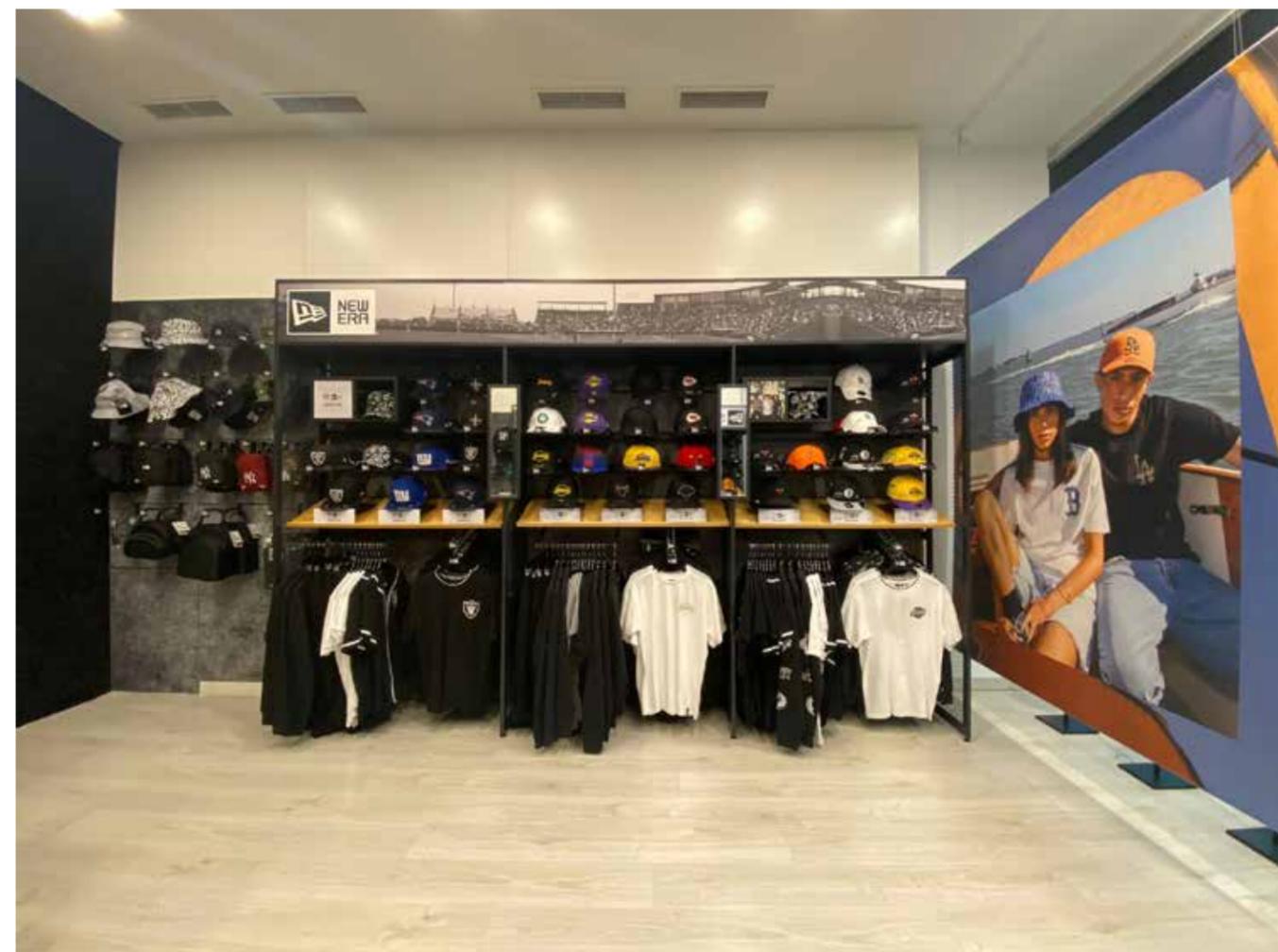
@manah.lisboa

154



PARQ HERE

NEW ERA PORTO A NEW ERA, a mais conhecida marca de caps americana chega ao Porto e escolhe a ViaCatarina, para a sua segunda loja da em Portugal. Depois do C.C. Colombo, a nova loja no Porto apresenta elementos de design que refletem a individualidade da marca e a sua alma desportiva e streetwear. Com 41,5m² de área, as novidades da NEW ERA são destacadas num mobiliário construído em metal cinza e madeira que se inspira nos pavilhões desportivos, estádios e campos de baseball, para fazer sobressair a essência da marca. → A NEW ERA é uma marca global de lifestyle reconhecida pelos caps, chapéus, gorros, vestuário e acessórios com uma herança desportiva com mais de 100 anos de história. Ao longo de mais de um século, a NEW ERA já teve mais de 500 licenças incluindo as principais ligas desportivas americanas, como a Major League Baseball (MLB), a National Football League (NFL), a National Basketball Association (NBA) entre outras, que muito contribuem para o seu prestígio. → Recentemente a New Era tem investido mais nas linhas de street wear, onde ganham destaque as t-shirts, sweats, hoddies, calças, estendendo a sua oferta e construindo um imaginário da marca mais alargando, razão para começarem a aparecer lojas da marca que mostrem de forma mais completa seu liftstyle. ♥ texto Sara Madeira



New Era
ViaCatarina, lj. 3.07
Porto

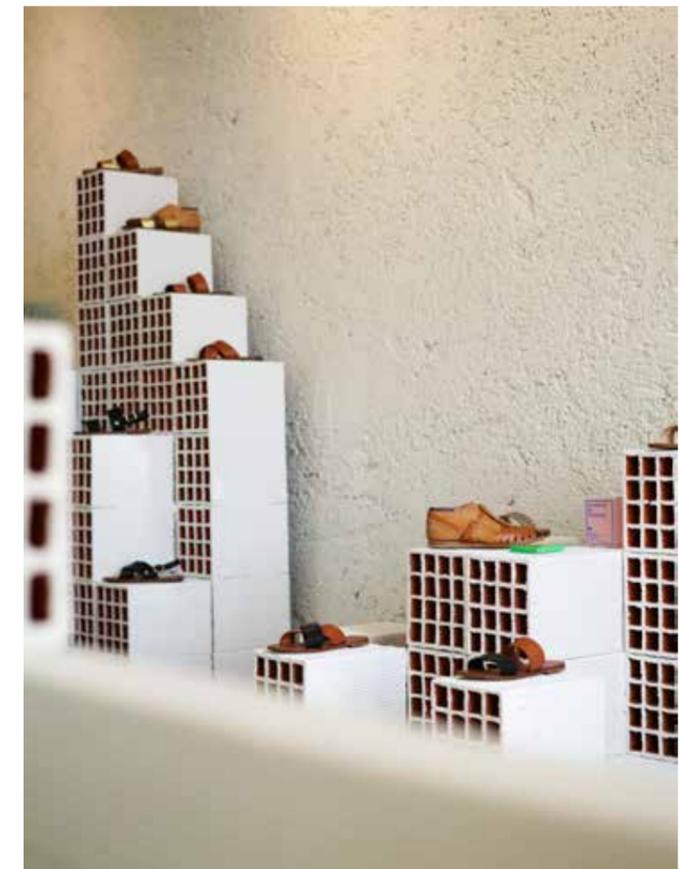
@newera

155

PARQ HERE

MUSTIQUE A marca portuguesa fundada em 2018 por VERA CALDEIRA e PEDRO FERRAZ abre agora a sua segunda loja, na Rua de Santos-o-Velho, em Lisboa. O projeto é assinado pelos arquitetos MARIANA PERALTA e MIGUEL ORTIGÃO, do atelier STUDIOALBA, que imaginaram para a MUSTIQUE um espaço minimalista, em cimento, com linhas cruas e depuradas. “A loja tem 80 m², um pé direito muito alto, paredes brancas e piso de cimento. Os tijolos são o principal material utilizado na loja. Foram pintados de branco e usados para construir quatro módulos sobre rodas que podem ser usados para expor objetos e dispostos em diferentes posições dentro da loja”, avança VERA CALDEIRA. “A abertura de uma nova loja em Lisboa faz parte do projeto de expansão da marca, que também está a procurar diversificar as suas coleções com novos produtos e colaborações com talentos emergentes ligados à Moda e às artes. “No primeiro ano lançámos só camisas e t-shirts mas interessou-nos alargar a produção. Este inverno desenvolvemos as primeiras calças e agora com a coleção de verão temos tops, calções e calções de banho”, explica VERA. “Também nos interessa trabalhar com amigos, com pessoas de quem gostamos e com quem partilhámos valores e referências. Esta ideia de criar uma ‘comunidade’ também é explorada com as lojas, que chamamos de ‘Clubhouse’. Para já há dois expositores com peças de duas marcas convidadas: joalharia da JULIANA BEZERRA e sandálias da MAMA PRAIA. A MUSTIQUE quer ser uma marca para todos, sem género. Todas as peças são produzidas em Portugal.

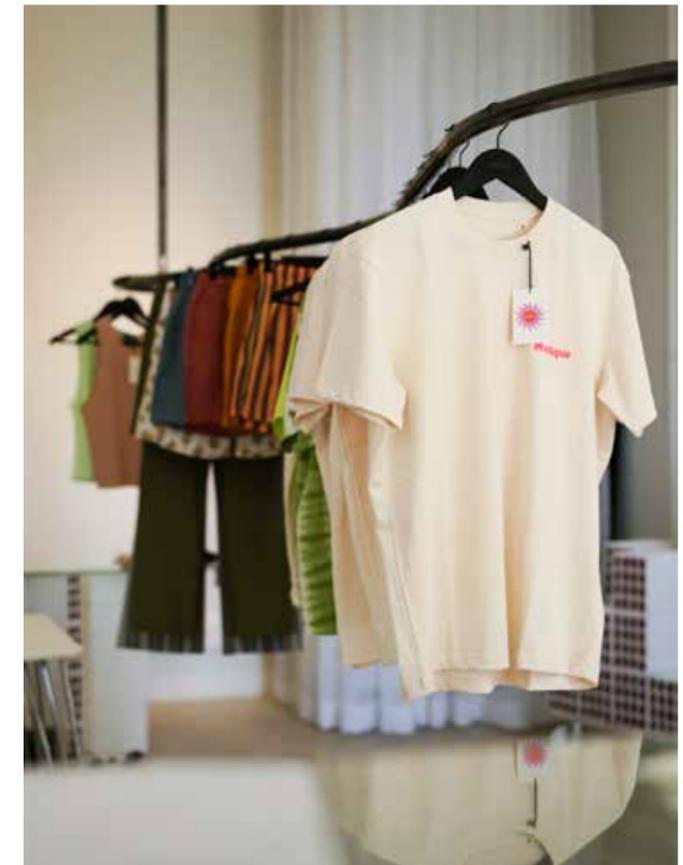
♥ texto Maria São Miguel ♥ fotos Francisco Hartley



Mustique
Rua de Santos-o-Velho, 6
Lisboa

@mustique_
156

PARQ HERE



157

PARQ HERE

OS ANJOS EXISTEM, ASSIM COMO O DOMINIC TORETTO E O RUI.



Os anjos são improváveis, mas existem. E são muitos. Até hoje que eu visse nenhum deles usava o dito par de asas brancas, mas a mim ninguém me engana. Os anjos existem. → De uma forma inesperada aparecem anjos em forma de gente na nossa vida. Não vem fazer nenhum salvamento tipo MitchBuchannon das Marés Vivas, nem aparece um qualquer Dominic Toretto num Dodge Charger R/T 70 em modo Velocidade Furiosa. Não, nada disso. Basta um ser humano ser...humano. E também não é preciso estarmos à beira de uma ponte para alguém nos salvar. As palavras têm poder e as acções fazem a diferença. → Está quase a fazer um ano que conheci o Rui. Quem é o Rui? É que nem eu vos sei responder a isso. Num final de tarde, caminhava eu pelo Chiado. Levava um daqueles vestidos traçados até aos pés. No entanto, o vento de final de tarde insistia em que o vestido se abrisse e eu desesperada já com casaco á cintura e mão firme para que ele não continuasse a abrir e mostrasse desde os tornozelos até às cuecas. Foi uma viagem muito linda com homens de todas as idades a mandarem os dispensáveis “piropos”, os olhares e os destemidos que paravam à minha frente e diziam coisas que eu respondia com aquele olhar 33 como que a mandá-los para o ...enfim! Estão a perceber, não é? Encontro o Rui depois de andar quase uma hora nisto, ele aproxima-se de mim como que a perguntar alguma coisa e eu reviro os olhos e começo a andar mais depressa. Entro numa loja, saio de outra e lá encontrei novamente o Rui. Quando eu estou a passar por ele, ele diz qualquer coisa. E eu bruta como sei ser lá lhe disse: “Mas qual é o teu problema?” E ele lá responde: “Nada, estava a comentar comigo mesmo uma coisa sobre aquela loja.” E aponta. É nesse instante que olho para ele e percebo que ele não tinha maldade nenhuma, ele estava a ser honesto. É uma pessoa genuína que se está a borrfifar para o que os outros pensam. Respondi um simples ok e desci as escadas enquanto falava ao telefone. Chegou a hora de jantar e quis jantar qualquer coisa rápida...Sushi, para ser mais exacta. Entrei, quem é que estava à minha frente? Não era o Mitch, nem o Toretto, era só o Rui. Viu interagir com o sushiman, com a empregada, ele era mesmo assim. Extrovertido, sem maldade, brincalhão com toda a gente. Quando dei conta estávamos a falar em mesas diferentes. Toda uma interação entre mim, o Rui e os empregados do Restaurante. Ríamos, comentávamos actualidade e o facto do Rui dizer que parece maluco, mas que no fundo ele está bem com ele mesmo e não tem problema em falar com ninguém. Confere. No final do jantar lá lhe acabei por dizer que já era a terceira vez que nos cruzávamos e ele lembrou-se e diz-me: “eras aquela que me respondeu não sei o quê ali naquela rua?” Confere, eu mesma. E com remorsos naquele momento. Despedimo-nos eu saí e ele ainda lá ficou. Quando estou quase a chegar ao Terreiro do Paço olho à minha volta e do outro lado do passeio lá está o Rui, chamo-o. Ele grita do outro lado do passeio muito depressa: “Não, é que eu venho aqui caladinho deste lado do passeio para tu não pensares que te estou a perseguir. Mas é que eu tenho mesmo de vir por aqui porque tenho de ir apanhar o barco para voltar para casa.” Ri-me com vontade. Fomos juntos no mesmo passeio a falar e disse-lhe que nada acontecia por acaso. Que ele no mesmo dia se tinha cruzado comigo várias vezes por alguma razão. Falámos, convenci-o a parar e a tomar um café. Contei-lhe ideias, planos e sonhos. Ele ouviu atentamente. Até chegar a parte em que lhe confessei um problema amoroso e ele deu-me um grande conselho. Vi de outra perspectiva e isso ajudou-me. E muito. Voltei para casa decidida e feliz. → Nunca mais vi o Rui, não tenho o número dele, nada. Mas fico-lhe grata pela paciência, dedicação, honestidade e generosidade para com esta desconhecida. Há pessoas que passam pela nossa vida à velocidade de um furacão apenas para nos manter no lugar que devemos estar naquele momento. → É no imprevisível que conhecemos anjos. E também é no imprevisível que mora a felicidade. ♥ ilustração Effe News

The word "PARQ" is rendered in a stylized, 3D neon font. Each letter is composed of two parallel lines, one slightly offset from the other, creating a glowing, hollow effect. The colors of the letters transition from a bright yellow on the left to a deep magenta on the right. The background is a complex, multi-colored composition of vertical and horizontal bands in shades of blue, orange, pink, and grey, creating a vibrant, abstract backdrop.

PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com

www.instagram.com/parqmag/